

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LETRAS
LETRAS PORTUGUÊS-INGLÊS

JULIANO AUGUSTO MEZZARI PERETTO

**RELAÇÕES SOCIAIS E DE PODER CONTIDAS NAS
PERSONAGENS DE *QUINCAS BORBA***

Trabalho de Conclusão de Curso

PATO BRANCO

2017

JULIANO AUGUSTO MEZZARI PERETTO

**RELAÇÕES SOCIAIS E DE PODER CONTIDAS NAS PERSONAGENS
DE *QUINCAS BORBA***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras Português-Inglês da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Pato Branco, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Letras.

Linha de Pesquisa: Literatura brasileira

Orientador: Marcos Hidemi de Lima

PATO BRANCO

2017



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Câmpus Pato Branco
Departamento Acadêmico de Letras
Coordenação do Curso de Letras Português/Inglês



DEFESA PÚBLICA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autor (a): **Juliano Augusto Mezzari Peretto**

Orientador (a): **Prof. Dr. Marcos Hidemi de Lima**

Título: **Relações sociais e de poder contidas nas personagens de Quincas Borba.**

Trabalho de conclusão de curso defendido e aprovado em
27/11/2017 pela comissão julgadora:

Prof.ª Dra. Camila Paula Camilotti – UTFPR Pato Branco
Presidente da Banca

Prof.ª Ma. Rosângela Aparecida Marquezi – UTFPR Pato Branco
Parecerista e Membro da Banca Examinadora

Prof. Dr. Wellington Ricardo Fioruci – UTFPR Pato Branco
Membro da Banca Examinadora

VISTO E DE ACORDO:

Prof.ª Dra. Cláudia Marchese Winfield
Coordenadora do Curso de Letras Português/Inglês

Prof.ª Ma. Rosângela Aparecida Marquezi
Responsável pelo Trabalho de Conclusão de Curso
Portaria n.º 295 de 01/09/2015

A Folha de Aprovação assinada encontra-se na Coordenação do Curso

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me dado saúde e força para alcançar meus objetivos.

Aos meus pais, pelo apoio, incentivo e por proporcionarem a minha permanência na universidade.

Ao Câmpus Pato Branco da Universidade Tecnológica Federal do Paraná e a todos os professores e servidores que tornaram possível essa jornada rumo ao conhecimento e sabedoria.

Ao meu orientador Marcos Hidemi de Lima, pela atenção e dedicação prestadas para elaboração desse trabalho.

E a todos que, de alguma forma, fizeram parte da minha trajetória acadêmica, o meu eterno agradecimento.

“No extremo verdor dos anos presumimos muito de nós, e nada, ou quase nada, nos parece escabroso ou impossível. Mas o tempo, que é bom mestre, vem diminuir tamanha confiança, deixando-nos apenas a que é indispensável a todo o homem, e dissipando a outra, a confiança pífida e cega. Com o tempo; adquire a reflexão o seu império, e eu incluo no tempo a condição do estudo, sem o qual o espírito fica em perpétua infância”

Machado de Assis

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 O DETALHE EM MACHADO DE ASSIS NA COMPREENSÃO DO SOCIAL OITOCENTISTA	13
1.1 ORA SOCIAL ORA LITERÁRIO: ENTRE O TEXTO MACHADIANO E A SOCIEDADE BRASILEIRA DO SÉCULO XIX.....	13
1.2 CONTEXTO HISTÓRICO DO SÉCULO XIX.....	18
1.3 REALISMO LITERÁRIO.....	20
1.4 DE PALAVRA EM PALAVRA: MACHADO DE ASSIS	21
1.5 PERSPECTIVA DO NARRADOR EM MACHADO DE ASSIS	22
1.6 AO VENCEDOR AS BATATAS	23
2 AS PERSONAGENS MACHADIANAS: ENTRE FACES E TRANSFORMAÇÕES	26
2.1 RUBIÃO, PALHA E SOFIA E SEUS ENVOLVIMENTOS SOCIAIS EM <i>QUINCAS BORBA</i> ²⁶	
2.2 A VERDADE POR CRISTIANO PALHA	30
2.3 ATRAVÉS DO OLHAR DE SOFIA.....	32
2.4 ADULTÉRIO COMO POSSIBILIDADE: A TRANSGRESSÃO MORAL IMPLÍCITA DE SOFIA E PALHA.....	34
3 CIRCULANDO ENTRE OS ESPAÇOS DE <i>QUINCAS BORBA</i>	38
3.1 A INTERVENÇÃO DOS ESPAÇOS NAS RELAÇÕES SOCIAIS E DE PODER	
38	
3.2 A CASA DOS PALHAS SOB A PERSPECTIVA DE RUBIÃO.....	40
3.3 A PRIVACIDADE EXIBIDA NOS SALÕES FESTIVOS COMO PONTE PARA ASCENSÃO SOCIAL DO CASAL PALHA.....	41
3.4 RUBIÃO ENTRE OS ESPAÇOS PÚBLICOS E PRIVADOS	44
3.5 A MORTE DO FALIDO HERDEIRO QUE DE EX-PROFESSOR PASSOU A RICAÇÃO DE BARBACENA	45

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
REFERÊNCIAS	50

PERETTO, Juliano A. M. **Relações sociais e de poder contidas nas personagens de *Quincas Borba***. 51 p. (Curso de Licenciatura em Letras), Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2017.

RESUMO

No presente trabalho são problematizadas e analisadas as relações e campos sociais brasileiros do século XIX contidos no livro *Quincas Borba* (1891) de Machado de Assis. As correntes morais e éticas arraigadas na cultura do país refletem no fazer social, sendo elas retratadas no trabalho machadiano por meio das relações de poder, possibilitando o estudo desses sob viés literário. Dessa forma, busca-se efetuar nesta pesquisa um estudo bibliográfico reflexivo acerca do conteúdo da obra e da sociedade descrita, já que as figuras machadianas se configuram como símbolos da construção de uma identidade social presente na realidade do contexto oitocentista. Em suma, as personagens desse romance podem ser estudadas como núcleos existentes no decorrer da história do país, e são suas relações, costumes, representações morais, que moldaram fundamentos que perpassam a trajetória histórica, cultural e literária nacional. A pesquisa apoia-se teoricamente nas obras de Roberto DaMatta *O que faz o Brasil Brasil?* (1986) e *A casa e a rua* (1985); os livros de Alfredo Bosi *Machado de Assis: O enigma do olhar*, (2003) e *História concisa da literatura brasileira* (1970); Antonio Candido, com o ensaio “Esquema de Machado de Assis” (1995) e a obra *Literatura e Sociedade* (1985); Luiz Alberto Pinheiro de Freitas em seu texto *Freud e Machado de Assis* (2001); Valdeci Borges, com *Imaginário Familiar* (2007). A realização desta pesquisa passa pela contextualização do romance machadiano dentro de um espaço sócio-histórico, apresentando elementos e aspectos que o definem como obra oitocentista, engajada socialmente e produzida por Machado de Assis pelo viés literário realista. Nessa perspectiva, são analisadas as personagens Sofia, Rubião e Cristiano Palha, figuras que compõem a centralidade da narrativa, desenvolvendo um estudo sobre suas características sob o viés das relações sociais e de poder. Por último, analisam-se ambientes de *Quincas Borba*, no intuito de compreender como estes elementos são influentes no comportamento das personagens.

Palavras-chave: Quincas Borba. Machado de Assis. Sociedade Oitocentista Brasileira. Relações Sociais e de Poder. Narrativa do século XIX.

PERETTO, Juliano A. M. **Social and power relations into the characters in *Quincas Borba***. 51 p. (Language Graduation Course), Federal University of Technology – Paraná, Pato Branco, 2017.

ABSTRACT

This work intends to analyze and problematize the Brazilian relations and social fields of the nineteenth century in the book *Quincas Borba* (1891) by Machado de Assis. The moral and ethical trends entrenched to the country's culture reflect in the social constructs and are portrayed in Assis' body of work within the power relations, making it possible to study this aspects through the literary point of view. In this way, this research seeks to carry out a reflective bibliographical study about the content of the work and the society described in it, since Assis' figures are configured as symbols of the construction of a social identity present in the reality of the eighteenth-century context. In short, the characters of this novel can be studied as cores existing throughout the history of the country, and its relations, customs and moral representations have shaped foundations that cross the historical, cultural and national literary trajectory. This research is supported by the literary works *O que faz o Brasil brasil?* (1986) and *A casa e a rua* (1985), by Roberto DaMatta; *Machado de Assis: O enigma do olhar*, (2003) and *História concisa de literatura brasileira* (1970) by Alfredo Bosi; "Esquema de Machado de Assis" (1995) and *Literatura e Sociedade* (1985), by Antonio Candido; *Freud e Machado de Assis* (2001), by Luiz Alberto Pinheiro de Freitas and *Imaginário familiar* (2007) by Valdeci Borges. This research goes through the contextualization of Assis' books inside a social-historic space. Presenting elements and aspects that define them as an eighteenth century work, socially involved and produced by Machado de Assis by the realistic literary point of view. In this perspective, the characters that are the center of the narrative, Sofia, Rubião and Cristiano Palha are analyzed, developing a study on its characteristics observing them through the social and power relation. Lastly, the environments in *Quincas Borba* are analyzed, with the purpose of understanding how those elements are influential to the behavior of the characters.

Keywords: Quincas Borba. Machado de Assis. Brazilian nineteenth century. Social and power relations. 19th century novel.

INTRODUÇÃO

A obra *Quincas Borba* (1892), de Machado de Assis, foi selecionada para análise com um objetivo pré-definido, pois está intrinsecamente relacionada com questões sociais brasileiras. *Quincas Borba*, serve de sustentação para realizar um paralelo entre literatura e a sociedade oitocentista, período em que o texto objeto de análise aqui está contextualizado.

Tenciona-se neste trabalho perscrutar as relações sociais e de poder contidas nas personagens de *Quincas Borba* Rubião, Palha e Sofia – figuras centrais no romance, que trazem consigo várias características das ideologias que compõem o universo social burguês brasileiro. Na qualidade de figuras fundamentais para este estudo, haja vista que proporcionam a análise de questões como a oposição de classes no sentido de evidenciar os interesses burgueses, busca-se mostrar personagens que representam a ascensão social e a realização dos interesses individuais, um adultério que não se realiza plenamente, supostas amizades mantidas por interesses econômicos e pessoais, entre outras questões que fazem transparecer as falhas morais e éticas da sociedade oitocentista brasileira.

Ao se deparar com a obra *Quincas Borba*, um leitor experiente facilmente percebe o engajamento social e político com que o texto está preocupado. Dessa forma, evidencia-se a problemática aqui: como se configuram as relações sociais e de poder entre as figuras de *Quincas Borba*? As personagens do romance podem ser concebidas como objeto de análise para o entendimento da sociedade oitocentista e das relações sociais que se constituem através da trajetória histórico-social brasileira? Até que ponto os eventos do romance estão ligados a aspectos sociais e culturais da época? Uma possível resposta, de maneira geral, é que realizar a investigação dessas questões proporcione um maior entendimento da literatura machadiana e sua relação com o corpo social da sociedade do século XIX, elementos que precisam de uma atenção especial.

A possibilidade desse estudo relaciona-se a autores que forneceram auxílio teórico e contribuiram com o entendimento do assunto proposto, entre os quais se destacam: Alfredo Bosi em *Machado de Assis o Enigma do Olhar* (2003) e *História concisa da Literatura Brasileira* (1970). Bosi é, neste trabalho, considerado como

essencial para esse estudo, tendo em vista que dedicou seus estudos, de modo geral, à literatura brasileira e também focalizou as questões literárias em Machado de Assis.

Outro autor importante é Roberto DaMatta, estudioso que contribuiu com o entendimento da questão social brasileira, cuja contribuição origina-se de dois livros – *A casa e a rua* (1985) e *O que faz o Brasil Brasil?* (1986) – fundamentais para que se entenda de maneira mais factual as entrelinhas da história brasileira, elencando elementos inéditos sobre a sociedade oitocentista que por um longo tempo permaneceu mascarada.

Também relevante para esta pesquisa foi Valdeci Borges, cuja obra *Imaginário Familiar: história da família, do cotidiano e da vida privada na obra de Machado de Assis* (2007) proporciona analisar elementos sociais que Damatta evidencia. Borges parte da literatura machadiana que assume papel fundamental para que a garantia dessa relação esteja contextualizada de forma eficaz e verossímil.

Antonio Candido em *Literatura e Sociedade* (1985) reforça os conceitos que devem ser levados em consideração quando se propõe a equiparar literatura e sociedade, proporcionando essa análise sob um viés essencial para a compreensão da totalidade da relação entre esses dois elementos tão importantes.

Luiz Alberto Pinheiro de Freitas em seu texto *Freud e Machado de Assis* (2001), ao efetuar uma interseção entre psicanálise e literatura, contribui para uma maior compreensão sobre as personagens machadianas, não somente pelo viés psicológico, mas por meio dos comportamentos socialmente demonstrados pelos protagonistas criados por Machado.

Dessa forma, torna-se essencial analisar as relações sociais e de poder através das personagens de *Quincas Borba* de Machado de Assis, investigando se as implicações e práticas sociais do contexto oitocentista são retratadas no trabalho machadiano, permitindo que sejam estudados por meio de suas personagens. Refletir acerca das questões contextuais em que a obra está inserida, bem como os vínculos que o romance possui com as correntes literárias da época; observar os acontecimentos históricos e características do corpo social no contexto oitocentista; resgatar elementos que comprovam a importância que Machado de Assis possui no cenário literário e crítico-social brasileiro; analisar as personagens da obra com a finalidade de mapear as questões sociais e as relações de poder presentes; compreender no texto machadiano a maneira com que se concretizavam as relações

sociais no contexto oitocentista; contextualizar as correntes filosóficas e ideológicas presentes na obra tornam-se questões pertinentes para esse estudo.

O primeiro capítulo desta pesquisa tem o intuito de contextualizar a obra dentro de um espaço sócio-histórico, apresentando elementos e aspectos que a definem como obra oitocentista engajado socialmente e produzida por Machado de Assis no Realismo. Sendo assim, nessa etapa são elencados elementos como o referencial teórico para análise da obra e da literatura machadiana; contexto histórico ao qual *Quincas Borba* faz parte; o entendimento da escola literária realista que se apresenta de grande importância para compreensão do social oitocentista e da literatura machadiana; as características da produção de Machado de Assis que o tornam escritor de destaque, tendo sua importância reconhecida como escritor brasileiro; uma breve explanação sobre a teoria “ao vencedor as batatas” que está presente durante todo o livro e que, de maneira geral, estabelece uma conexão importante para que seja entendida a totalidade das personagens de *Quincas Borba*.

O segundo capítulo empreende análise de Sofia, Rubião e Cristiano Palha, as três personagens que compõem a centralidade do romance *Quincas Borba*. Para isso, será desenvolvido um estudo sobre as características das personagens machadianas sob a ótica social, no intuito de fazer uma relação contextualizada com a sociedade oitocentista. Logo, a perspectiva social usada aqui serve para entender as relações sociais e de poder e o envolvimento que essas personagens manifestam no decorrer da narrativa.

No terceiro capítulo serão analisados alguns elementos da espacialidade no romance *Quincas Borba*, uma vez que estes são influentes no comportamento das personagens e simbolicamente representam os espaços públicos e privados da sociedade oitocentista. Dessa forma, entender como os espaços do romance machadiano estão ligados com as relações sociais e de poder se constituem de tanta importância no desenvolvimento da narrativa.

1 O DETALHE EM MACHADO DE ASSIS NA COMPREENSÃO DO SOCIAL OITOCENTISTA

1.1 ORA SOCIAL ORA LITERÁRIO: ENTRE O TEXTO MACHADIANO E A SOCIEDADE BRASILEIRA DO SÉCULO XIX

Para iniciar essa discussão, é necessário primeiramente atentar para a sociedade e ao que se refere esse termo, que será empregado constantemente aqui. Para conceituá-lo de maneira mais eficaz, tendo em vista a grande variedade de assuntos e ideias que podem ser elencados quando utilizado, torna-se necessário frisar que:

[...] sociedade aberta e relativizada [...]. Porque aqui, como lá, o Brasil está em toda parte. Nas leis e nas nobres artes da política e da economia, das quais temos que falar sempre num idioma oficial e dobrando a língua; mas também na comida que comemos, na roupa que vestimos, na casa onde moramos e na mulher que amamos e adoramos. Para essa perspectiva, o Brasil deve ser procurado nos rituais nobres dos palácios de justiça, dos fóruns, das câmaras e das pretorias – onde a letra clara da lei define suas instituições mais importantes; mas também no jeitinho malandro que soma a lei com a pessoa na sua vontade escusa de ganhar, embora a regra fria e dura como o mármore da Justiça não a tenha tomado em consideração. Aqui, portanto, o Brasil está em toda parte: ou melhor, pode ser encontrado em toda parte (DAMATTA, 1986, p. 09).

Contextualizar a conceituação de sociedade a partir dessa reflexão amplia os horizontes sobre o entendimento do complexo social brasileiro. Logo, quando esse termo estiver empregado aqui, ele assume função de resgatar a ideia de vivacidade e complexidade que apresenta na citação acima. É necessário que se tenha em vista que a sociedade brasileira não pode ser estudada somente sob o viés das leis do alto escalão, crítico e elitista, que normalmente está condicionado a ser parcial, excluindo a totalidade necessária na compreensão da sociedade para que se desenvolva um estudo mais crítico e factual.

A idéia [sic] de sociedade que norteia este livro, portanto, não é aquela da sociedade como um conjunto de indivíduos, como tudo o mais sendo um mero epifenômeno ou decorrência secundária de seus interesses, ações e motivações. Ao contrário, a sociedade aqui é uma entidade entendida de modo globalizado. Uma realidade que forma um sistema. Um sistema que tem suas próprias leis e normas. Normas que, se obviamente precisam dos indivíduos para poder se concretizar, ditam a esses indivíduos como é que

devem ser atualizadas e materializadas. Aqui a sociedade é uma entidade que se faz e refaz por meio de um sistema complexo de relações sociais, elos que se impõem aos seus membros, indicando - tal como acontece numa peça de teatro ou num cerimonial - tudo aquilo que é estritamente necessário e tudo o que é dispensável ou superficial para que se possa criar e sustentar o evento que se deseja construir (DAMATTA, 1997 p. 13).

O entendimento do social precisa ser buscado em todas as partes, nas diferentes pessoas, culturas e contextos, em um lugar onde as pessoas possuem papel fundamental e não são elementos passivos, mas sim construtoras desse conceito. Para simplificar, a sociedade deve ser vista como um ambiente:

[...] onde pessoas seguem certos valores e julgam as ações humanas dentro de um padrão somente seu. Não se trata mais de algo inerte, mas de uma entidade viva, cheia de autorreflexão e consciência: algo que se soma e se alarga para o futuro e para o passado” (DAMATTA, 1986, p. 12).

Pode-se então entender a importância que se concebe o objeto de análise aqui: o homem que só pode ser compreendido por meio de suas interações no convívio em sociedade, construindo uma identidade social e histórica que envolve o comportamento do corpo coletivo dentro de um contexto isolado, mas que é refletido através dos anos e lugares.

Como este estudo propõe fazer um paralelo com os aspectos sociais sob viés do texto literário, efetuar essa pesquisa não só contribui com o entendimento da sociedade descrita e da literatura machadiana, mas também põe em evidência a trajetória histórica tão importante para compreensão do social brasileiro contemporâneo, enfrentando o Brasil como ele é de fato e não por intermédio de uma máscara muitas vezes imposta socialmente. Dessa forma, a ideia aqui é pôr em evidência as questões que constroem a identidade de uma sociedade para “saber quem somos e como somos, de saber por que somos. Sobretudo quando nos damos conta de que o homem se distingue dos animais por ter a capacidade de se identificar, justificar e singularizar: de saber quem ele é” (DAMATTA, 1986, p. 12). Essa afirmativa de DaMatta constitui de grande representatividade nessa busca de entender as sociedades, tendo em vista que o homem é o consolidador do conceito de social para este estudo.

Entender a literatura como objeto que exprime e possibilita o entendimento da sociedade é essencial, pois será por meio dela que todas as ideias acerca do tema

são abordadas. Para tornar factual essa afirmação sobre a literatura, Candido apresenta duas questões integrantes do seu estudo que comprovam o poder que o texto literário possui:

A primeira consiste em estudar em que medida a arte é expressão da sociedade; a segunda, em que medida é social, isto é, interessada nos problemas sociais. Dizer que ela exprime a sociedade constitui hoje verdadeiro truísmo; mas houve tempo em que foi novidade e representou algo historicamente considerável (CANDIDO, 2006, p. 29).

Para entender de forma clara o fato de que os elementos sociais serão elucidados exclusivamente por intermédio de literatura, mais especificamente o romance *Quincas Borba*, é válido lembrar que os elementos sociais precisam ser vistos através da obra e não como um fator exterior a ela. Nessa perspectiva de análise, não se reduz o texto literário a uma função somente social, mas amplia as possibilidades de que a literatura tem o intuito de participar ativamente dos elementos sociais.

Quando fazemos uma análise deste tipo, podemos dizer que levamos em conta o elemento social, não exteriormente, como referência que permite identificar, na matéria do livro, a expressão de uma certa época ou de uma sociedade determinada; nem como enquadramento, que permite situá-lo historicamente; mas como fator da própria construção artística, estudado no nível explicativo e não ilustrativo (CANDIDO, 2006, p. 16).

Machado de Assis, autor que produziu a obra foco deste estudo, é uma figura central para o entendimento do assunto proposto, tendo em vista que sua representatividade é reconhecida por críticos e estudiosos renomados da literatura brasileira. “Em sua produção literária, este autor capta o social e suas contingências, ao perceber suas implicações, assimilando-as e conferindo a elas base da sua escritura” (BORGES, 2007, p. 16).

Machado produziu obras com algumas características românticas, no entanto, em sua trajetória literária, a estética realista predomina nos seus escritos, tornando-se integrante do “novo ideário”, título utilizado por Alfredo Bosi para se referir ao realismo brasileiro.

Avançando ainda mais na compreensão de Machado, convém frisar que sua literatura “[...] foi muito além da visão ingênua dos românticos, do discurso dos realistas e naturalistas, injetando em suas obras muitas sementes da modernidade”

(FREITAS, 2001, p. 51). O novo ideário machadiano ampliou as noções sobre a tão sonhada literatura nacionalista, que esteve presente no foco dos textos modernistas posteriormente. Ainda segundo Freitas (2001, p. 51), Machado “Discorreu amplamente sobre a questão das cores do país como um traço marcante das formas de literatura da época, notadamente na poesia, já que os precursores do romantismo da primeira geração fizeram poesia”, evidenciando diferenças em relação a Portugal; fato que, Machado “chamou atenção para uma cultura nacionalista”. (FREITAS, 2001, p. 51), conforme salienta Freitas.

Para exemplificar essa revolução com as palavras feita por Machado, é natural dizer que seus romances e personagens são, portanto, necessários para compreender o modo com que o autor desvendou a sociedade oitocentista. Observa Bosi que “[...] Duas obras-primas que deram a Machado de Assis um relevo na história do romance à altura de seus mestres europeus, *Quincas Borba* e *Dom Casmurro*” (2010, p. 200). No momento em que se evidencia a complexidade e importância da narrativa machadiana, entender suas principais obras torna-se fator essencial também verificar as relações sociais e de poder presentes em suas personagens.

Em *Quincas Borba* são aspectos notáveis o apreço pelas coisas materiais, a busca pela ascensão social, a falsa moral, o adultério psicológico, entre outras questões que puseram em destaque os defeitos “empoeirados” da sociedade oitocentista. Para uma rápida compreensão do enredo deste romance, Bosi (2010) sintetiza a narrativa em poucas linhas:

Rubião, herdeiro improvisado de uma grande fortuna, cai nos laços de um casal ambicioso; a mulher, a ambígua Sofia, vendo-o rico e desfrutável, dá-lhe esperanças, mas se abstém cautelosamente de realizá-las ao perceber no apaixonado, traços de crescente loucura. Em longos ziguezagues se vão delineando o destino do pobre Rubião e a vileza bem composta do mundo onde triunfam Sofia e o marido; e não sei de quadro mais fino da sociedade burguesa do Segundo Reinado do que este, composto a modo de um mosaico de atitudes e frases do dia-a-dia. Dêsse [sic] mundo é expulso com metódica dureza o louco, o pobre, o diferente (BOSI, 2010, p. 201).

Sofia, Rubião e Cristiano Palha, personagens que estão no centro das ações de *Quincas Borba*, estão criticamente ligadas às relações sociais e de poder. De um modo geral, as personagens que compõem o romance machadiano “[...] remetem a uma estrutura social que sabemos assimétrica e injusta. Esta, por sua vez, não foi só

espelhada pelo narrador, mas trabalhada, estilizada e julgada à luz de certos critérios éticos e estéticos” (BOSI, 2003, p. 167-168), elevando-as, dessa forma, a um parâmetro totalmente moral e social de análise.

Portanto, para efetivar a compreensão do olhar machadiano na construção de suas personagens:

[...] Seria preciso entender os encontros e desencontros do moralismo clássico e jansenista (severo até o limite do pessimismo) e a concepção liberal-capitalista da natureza humana, que tentou, pela voz dos percursores da Economia Política, conciliar o cinismo do interesse individual com a hipocrisia da burguesia ascendente que celebrava como progresso do gênero humano a prosperidade da sua classe. (BOSI, 2003, p. 167-168).

Percebendo que as personagens de *Quincas Borba* se constroem pelas suas especificidades e divergências morais, vale retomar a ideia de Candido, que encontra na literatura um objeto de expressão da realidade. As questões pertinentes agora são: de que forma acontece essa identificação dos processos sociais no romance? Até que ponto o texto machadiano está exprimindo a sociedade?

Para responder a essas indagações, é preciso levar em conta que:

[...] Dois fenômenos sociais muito gerais e importantes: a integração e a diferenciação. A integração é o conjunto de fatores que tendem a acentuar no indivíduo ou no grupo a participação nos valores comuns da sociedade. A diferenciação, ao contrário, é o conjunto dos que tendem a acentuar as peculiaridades, as diferenças existentes em uns e outros. São processos complementares, de que depende a socialização do homem; a arte, igualmente, só pode sobreviver equilibrando, à sua maneira, as duas tendências referidas (CANDIDO, 2006, p. 33).

Uma possível resposta a essas questões está ligada aos conceitos de integração e a diferenciação, pois é por meio destes conceitos que serão identificadas e estudadas as personagens, visto que estas se constituem na narrativa pelas suas diferenças e afinidades, as quais, de certa forma, são ideias complementares dos conceitos de integração e diferenciação. Conforme explica Bosi, “Não há romance de Machado que não colha algum aspecto ostensivo ou alguma dobra mal escondida desse tecido de fios existências cuja regra geral é a disparidade” (BOSI, 2003, p. 153).

1.2 CONTEXTO HISTÓRICO DO SÉCULO XIX

Antes de analisar o romance, é importante entender os acontecimentos e características que marcaram a história desse período de mudanças em que se encontrava o Brasil, uma vez que o romance aqui estudado pertence a:

[...] uma época cultural de maior relevância no Brasil, a segunda metade do século XIX. Por circunstâncias históricas, nacionais e internacionais, coincidindo com o advento da civilização burguesa, democrata, industrial e mecânica, e com a nova penetração da ciência no mundo das ideias e da prática por meio da biologia, os valores que a representam produziram um impacto tão grande no espírito ocidental, que o dominaram quase por completo, mormente no Brasil (COUTINHO, 1983, p. 05-06).

No sistema econômico vigente da época, o capitalismo está intrinsecamente ligado ao estilo de vida das pessoas, à busca pelo capital e à realização financeira, passando a ser objetivos essenciais para obter uma vida “bem-sucedida” dentro desse contexto. Com a potencialização do capitalismo, a urbanização no país começa a ganhar mais significado, e junto com ela a modificação na forma da mão de obra e o declínio do sistema escravocrata.

Como observa Coutinho (1983), “De modo geral, 1870 marca no mundo uma revolução nas ideias e na vida, que levou os homens para o interesse e a devoção pelas coisas materiais. Uma geração apossou-se da direção do mundo, possuída daquela fé especial nas coisas materiais”(COUTINHO, 1983, p.6), e essa revolução afeta diretamente o estilo de vida das pessoas, pois como é sabido o capitalismo transforma mão de obra em bens materiais e lucro.

A família ainda seguia os traços do patriarcalismo, e nessa ordem o papel do homem e da mulher se distanciavam. Nesse modelo, “Os maridos deviam se mostrar dominadores, voluntariosos no exercício da vontade patriarcal, insensíveis e egoístas. As mulheres, por sua vez, apresentavam-se como fiéis, submissas, recolhidas. Sua tarefa mais importante era a procriação” (DEL PRIORE, 2012, p. 38). Entende-se, dessa forma, o poder que o homem exercia na sociedade, pois somente ele é o responsável pelas decisões políticas, sociais e familiares, enquanto para as mulheres, cuja perspectiva de vida se limitava ao matrimônio, as funções se limitavam aos afazeres domésticos. A família que se enquadrava nesses paradigmas era a idealizada dentro desse contexto, sendo que homens e mulheres precisavam se

adequar a esses parâmetros culturais para serem considerados socialmente representativos.

As desigualdades nesse contexto não se concretizavam somente em questões de gênero como também nos aspectos raciais. O país recebia grande influência de seus colonizadores europeus, e também, com a valorização da cultura norte-americana, ocorre no Brasil, de certa forma, uma busca por esses dois modelos culturais:

Realmente, não custa lembrar que as teorias racistas europeias e norte-americanas não eram tanto contra o negro ou o amarelo (o índio, geneticamente falando, também discriminado como inferior), que eram nitidamente e injustamente inferiorizados relativamente ao branco, mas que também eram vistos como donos de poucas qualidades positivas enquanto “raça”. O problema maior dessas doutrinas, o horror que declaravam, era, isso sim, contra a mistura ou miscigenação das “raças”. É certo, diziam elas, que havia uma nítida ordem natural que graduava, escalonava e hierarquizava as “raças humanas”, conforme ocorria com as espécies de animais e as plantas. (DAMATTA, 1986, p. 37-38)

Torna-se fácil perceber o quão desigual se tornaram na prática essas correntes raciais no país, implicando em âmbitos da sociedade como, por exemplo, o econômico e o político, em que essas “raças” seriam discriminadas como inferiores e impossibilitadas de levar uma vida semelhante a do homem branco.

O cristianismo, apesar da crise em que se encontrava, ainda era possuidor de grande poder dentro do século XIX, fortemente ligado ao âmbito político, sua ideologia apresentava grande influência nos campos sociais; “A legitimidade religiosa e política da Igreja no Brasil é o resultado de um longo processo, que acompanha a própria história do Brasil, desde 1500” (AZEVEDO, 2004, p. 111).

O conjunto de valores do cristianismo, mais especificamente o da igreja católica, implica nos valores sociais, já que toda religião apresenta um padrão a ser seguido, e este será influente dentro da cultura do país e também nas suas correntes morais e éticas. Destaca DaMatta (1986):

Tanto os homens como as sociedades se definem por seus estilos, seus modos de fazer as coisas. Se a condição humana determina que todos os homens devem comer, dormir, trabalhar, reproduzir-se e rezar. É dentro dessas implicações que teremos a formação de uma cultura de massa. Essa determinação não chega ao ponto de especificar também que comida ingerir, de que modo produzir, com que mulher (ou homem) acasalar-se e para quantos deuses ou espíritos rezar (DAMATTA, 1986, p. 15).

Portanto, dentro dessas implicações inicialmente levantadas, é que se pode ter uma ideia aproximada sobre as identidades sociais presentes no contexto oitocentista brasileiro e também na obra machadiana.

1.3 REALISMO LITERÁRIO

Assumindo a responsabilidade de analisar os aspectos sociais por meio da literatura, é necessário destacar as correntes literárias que estavam em voga no século XIX, já que estas contextualizam a produção machadiana, refletindo diretamente em *Quincas Borba*.

O realismo é movimento que integra, de maneira geral, as obras de Machado, este está fortemente ligado a duas outras correntes: o Romantismo, que o antecede, e o Naturalismo, que está muito próximo. Coutinho (1983) comenta que o século XIX “[...] é uma grande encruzilhada de correntes literárias. O Romantismo não terminou e já se fazem notar os traços do Realismo; e mesmo certas de suas vivências, reforçadas, constituíram características Realistas e Naturalistas (COUTINHO, 1983 p.5)”.

O movimento realista, explica Coutinho, “[...] existe sempre que o homem prefere deliberadamente encarar os fatos, deixar que a verdade dite a forma, e subordinar os sonhos ao real” (COUTINHO, 1983, p. 09-10). Olhar para o movimento dessa forma, faz com que sua distinção aconteça naturalmente com os demais, pois se entende que a literatura realista veio desmistificar aquela sociedade que era retratada, nos romances anteriores, de forma perfeita e idealizada, revelando a sociedade tal como ela era.

Para simplificar, pode-se tomar como exemplo o adultério, tema muito presente na obra machadiana. Assuntos como este não faziam parte das discussões de movimentos idealizadores como o Romantismo. A preocupação realista está em outra dimensão, pois trata dos defeitos humanos, o caráter egoísta e mesquinho, a ambição e a traição, ou seja, a expressão em “carne e osso” do ser humano.

Pode-se dizer que o Realismo vem retratar a sociedade contemporânea de forma objetiva e idêntica, ocasionando uma problematização nas linhas morais e éticas que compõem essa sociedade. Ainda vale lembrar a objeção que se apresenta

ao caracterizar uma corrente literária tão complexa como o Realismo. De maneira geral, para essa estética, “É impossível uma definição completa, [...] que é antes um temperamento, uma tendência, um estado de espírito, do que um tipo de gênero literário acabado” (COUTINHO, 1983, p. 9). Em síntese, concebê-la adequadamente significa olhar as obras que a compõem no seu emaranhado em vez de buscar uma definição pronta e linear a seu respeito.

1.4 DE PALAVRA EM PALAVRA: MACHADO DE ASSIS

Machado de Assis ocupou vários cargos e desempenhou muitas tarefas, mas é devido ao seu talento com as palavras que o escritor ficou conhecido nacional e internacionalmente. “[...] Foi admirado e apoiado desde cedo, e que aos cinquenta anos era considerado o maior escritor do país, objeto de uma reverência e admiração gerais, que nenhum outro romancista ou poeta brasileiro conheceu em vida, antes e depois dele” (CANDIDO, 1995, p. 1). Nascido em 1839, natural do Rio de Janeiro, o talento desse carioca foi demonstrado em romances, contos, peças teatrais e poesia. Recebeu o devido reconhecimento ainda em vida, tornando-se o primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras, cargo que ocupou até sua morte, em 1908.

No que se refere a sua literatura, “O objeto principal de Machado de Assis é o comportamento humano. Esse horizonte é atingido mediante a percepção de palavras, pensamentos, obras e silêncios de homens e mulheres que viveram no Rio de Janeiro durante o Segundo Império” (BOSI, 2003, p. 11). As obras machadianas são de grande significado dentro da literatura e também para a concepção do social nacional, já que o corpo social é agente no texto de Machado.

Os seus textos conseguem unir complexidade e simplicidade usando as palavras de maneira sutil e minuciosa, construindo a grandiosidade das suas obras por meio de cada personagem, termo e crítica apresentada. “Machado criou um estilo de literatura em que a observação das pessoas de seu tempo apresentava a possibilidade de interpretação. Fazia, sem o saber, uma análise dos processos inconscientes que assolam o ser humano no seu dia-a-dia” (FREITAS, 2001, p. 53). Seu texto, apesar de apresentar um caráter objetivo, possibilita uma quantidade de reflexão acerca de seu conteúdo, questionar, problematizar e inferir temas que não estavam presentes nas produções anteriores.

Em uma análise mais atenta de sua obra, “[...] não dentro do panorama estreito da literatura brasileira do tempo, mas na corrente geral da literatura dos povos ocidentais, veremos a contrapartida irônica e por vezes melancólica do seu êxito sem quebra” (CANDIDO, 1995, p. 2). As concepções machadianas configuraram-se em um novo modo de representações nacionais:

Como o que vai interessá-lo é a alma do homem, é sobre este aspecto que podemos dizer que ele foi um autor nacionalista, não pelo lado bizarro e pitoresco das matas, mas do outro lado da gente da terra, esse lado que apreendia, como Shakespeare, sobre os íntimos conflitos de ser, sobre a linguagem do desejo inconsciente (FREITAS, 2001, p. 53).

Dentro dessas implicações, Machado de Assis pode ser concebido como autor de grande – se não maior – relevância dentro do âmbito literário brasileiro, por elencar de forma inédita, crítica e sagaz os elementos sociais e nacionais, que por longo tempo passaram despercebidos, por vezes intencionalmente, aos olhos da literatura.

1.5 PERSPECTIVA DO NARRADOR EM MACHADO DE ASSIS

Ter conhecimento sobre o narrador e o papel que este irá desempenhar no decorrer da narrativa contribui com o entendimento das obras realistas do autor. A maioria dos trabalhos dessa escola literária é narrada em terceira pessoa, fato que não se aplica totalmente ao trabalho machadiano, como é o caso de *Dom Casmurro* (1899) e *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881). Em narrativas em primeira pessoa, o leitor será informado acerca do assunto sob a perspectiva da personagem que por vezes passa a ser tendenciosa, ocultando fatos e evidências importantes para o “realismo” da história.

Dessa trilogia machadiana, *Quincas Borba* apresenta um caráter distinto. Sua narração acontece em terceira pessoa, entretanto é o ponto de vista e ações de Rubião que preponderaram no decorrer do romance. Isso facilita de certo modo a compreensão das personagens e de suas características, porém não se pode descartar o grau de importância do narrador em Machado. Por mais que a narração seja feita por um narrador onisciente, este assume um caráter parcial e irônico na descrição dos fatos.

Conforme explica Candido:

[...] alguns dos seus romances parecem abertos, sem conclusão necessária, ou permitindo uma dupla leitura, como ocorre entre os nossos contemporâneos. E o mais picante é o estilo guindado e algo precioso com que trabalha e que se de um lado pode parecer academismo, de outro sem dúvida parece uma forma sutil de negaceio como se o narrador estivesse rindo um pouco do leitor (CANDIDO, 1995, p. 06).

Ao tornar essa uma das características indispensáveis, tal questão exige uma leitura mais cuidadosa por parte do leitor, pois é preciso observar o romance em outra dimensão, onde o narrador e seus atos também serão analisados e julgados.

A narração em terceira pessoa torna essa obra ainda mais sofisticada em termos de compreensão, pois pode ter sido uma opção de Machado para criar um abismo ainda maior entre o pobre Rubião e outros protagonistas como Brás Cubas e Bento Santiago, logo um distanciamento entre um simples professor e um capitalista. Por exemplo, Em Brás Cubas o narrador possui uma cultura elitista, a qual proporciona uma maior sofisticação no relato da história. Porém, dentre os três, o professor de Barbacena é o único que pertence a uma classe econômica inferior, dessa forma é impossibilitado de ser o narrador dos fatos. Característica essa que acentua o grau de importância da narração em *Quincas Borba*.

1.6 AO VENCEDOR AS BATATAS

Nos primeiros capítulos desse romance de Machado, quando o filósofo Quincas Borba ainda está vivo, é apresentada ao leitor uma filosofia chamada Humanitismo, uma espécie de sistema filosófico. À primeira leitura, esta filosofia parece ter pouco significado na composição do romance, pois Quincas está com uma grave doença e suas ideias não são consideradas confiáveis, porém, em uma análise mais atenciosa, ela expressa um significado ideológico expressivo no decorrer da narrativa se contextualizada com o momento histórico e político ao qual o Brasil se encontrava.

De forma bastante sucinta, Roberto Schwarz explicita esse momento vivido pelo Brasil:

Toda ciência tem princípios, de que deriva o seu sistema. Um dos princípios da Economia Política é o trabalho livre. Ora, no Brasil domina o fato "impolítico e abominável" da escravidão. Este argumento – resumo de um panfleto liberal, contemporâneo de Machado de Assis – põe fora o Brasil do sistema da ciência. Estávamos aquém da realidade a que esta se refere; éramos antes um fato moral, "impolítico e abominável". Grande degradação, considerando-se que a ciência eram as Luzes, o Progresso, a Humanidade (SCHWARZ, 2000, p. 11).

Quincas, que apresenta ideias pouco lúcidas, declara que “Humanitas é o princípio. Há nas coisas todas certa substância recôndita e idêntica, um princípio único, universal, eterno, comum, indivisível e indestrutível” (ASSIS, 1994, p. 6). Nesse sistema, segundo ele, tudo se justifica, as ações humanas boas ou ruins são necessárias para obter um propósito maior, em um ideal que a morte é necessária para que possa existir vida; “Borba insurge abertamente contra a perspectiva pessimista exaltando a vida em todos os seus aspectos, e mostrando que há beleza no teatro trágico da existência” (OLIVEIRA, 2014, p.4).

Fato semelhante acontece com a vida de Rubião, que foi manipulado até um estado doentio de loucura, o que ocasionou sua morte, enquanto Palha e Sofia enriqueceram com a sua ingenuidade. Dentro dessa implicação pode-se inferir outra questão, o Brasil até o século XX foi um grande importador das culturas europeias, “[...] ser livre e inteiramente ele mesmo” (OLIVEIRA, 2014, p. 5), também significa uma problematização no estilo de vida daquela classe burguesa, que, de maneira geral, tentava buscar os seus modelos idealizados de vida a partir da sociedade europeia.

A transformação atendia à mudança dos costumes, que incluíam agora o uso de objetos mais refinados, de cristais, louças e porcelanas, e formas de comportamento cerimonial, como maneiras formais de servir à mesa. Ao mesmo tempo conferia ao conjunto, que procurava reproduzir a vida das residências européias [sic], uma aparência de veracidade. Desse modo, os estratos sociais que mais benefícios tiravam de um sistema econômico baseado na escravidão e destinado exclusivamente à produção agrícola procuravam criar, para seu uso, artificialmente, ambientes com características urbanas e européias [sic], cuja operação exigia o afastamento dos escravos e onde tudo ou quase tudo era produto de importação'. Ao vivo esta comédia está nos notáveis capítulos iniciais do *Quincas Barba*. Rubião, herdeiro recente, é constrangido a trocar o seu escravo crioulo por um cozinheiro francês e um criado espanhol, perto dos quais não fica à vontade. Além de ouro e prata, seus metais do coração, aprecia agora as estatuetas de bronze - um Fausto e um Mefistófeles – que são também de preço (SCHWARZ, 2000, p. 23).

Quando Rubião foi informado de que era o herdeiro universal de Quincas Borba, logo se esquece da morte do amigo e a felicidade tomou-lhe conta, tornando aquele momento de luto um feito glorioso: “Herdeiro já era muito; mas universal... Esta palavra inchava as bochechas à herança. [...] o Rubião tinha ímpetos de dançar na rua. Depois aquietava-se; duzentos que fossem, ou cem, era um sonho que Deus Nosso Senhor lhe dava” (ASSIS, 1994, p. 12). Tal atitude comprova a teoria de Quincas, na qual o péssimo torna-se algo gracioso e justificável.

Por muitas vezes, Quincas tentou ensinar seu herdeiro as linhas de raciocínio de sua filosofia, porém não obteve sucesso. A teoria só foi compreendida por Rubião no momento em que ele tem em mãos o dinheiro do falecido. Este acontecimento o levou até repetir várias vezes um lema que não havia compreendido até então, “[...] ‘ao vencedor as batatas’: ‘Tão simples!’ tão claro! Olhou para as calças de brim surrado e o rodaque cerzido, e notou que até há pouco fora, por assim dizer, um exterminado, uma bolha; mas que ora não, era um vencedor” (ASSIS, 1994, p. 14). Neste momento, o leitor pode atribuir um caráter de arrogância e egoísmo por parte de Rubião, pois a personagem esqueceu rapidamente a morte do amigo e é notável seu interesse e adoração pelo capital herdado.

Pode-se dizer que a herança é símbolo de mudança na vida da personagem, e também torna a narrativa mais complexa. Esse pacto criado de contrapontos entre o professor de Barbacena e o capitalista Rubião expande os horizontes da narrativa, visto que a personagem busca atingir os moldes da sociedade burguesa importada da Europa, pondo, dessa forma, a filosofia como um elemento importante na vida da personagem que, após receber o dinheiro, não só compreendeu o Humanitismo, como também começa uma vida de luxos que acaba resultando em sua ruína.

Entretanto, Rubião não pertence àquela sociedade burguesa. Sua ingenuidade acaba permitindo que o manipulem a serviço de interesses financeiros e escusos dos falsos amigos. Para o professor de Barbacena a herança representa sua ruína e maldição, que o levará ao estado de loucura.

Dessa forma, repete-se a filosofia da personagem Quincas Borba, na qual a derrota de alguns é, de fato, a vitória de outros. Nesse caso, os vitoriosos são o casal Palha, que passa a ostentar poder com o dinheiro de Rubião. A ação de Sofia e Cristiano, não mais de forma ingênua, mas capitalista e europeia, resulta em um estilo de vida totalmente distinto e mais favorável ao casal arrivista.

2 AS PERSONAGENS MACHADIANAS: ENTRE FACES E TRANSFORMAÇÕES

2.1 RUBIÃO, PALHA E SOFIA E SEUS ENVOLVIMENTOS SOCIAIS EM *QUINCAS BORBA*

As personagens machadianas, principalmente as pertencentes à trilogia *Dom Casmurro*, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *Quincas Borba*, se relacionam com as características do Realismo, sendo que, para construir uma narrativa que mostre de maneira idêntica as relações sociais problematizando a sociedade do século XIX, as figuras presentes em seu enredo assemelham-se em vários aspectos com o todo do corpo social da época. “Machado se inspirou neste artifício estético e procurou a partir dele buscar um modo de representar o sujeito diante de si mesmo, confrontando-o continuamente com suas próprias dúvidas, interpelando os desvãos de sua vida íntima” (CORDEIRO, 2004, p. 275).

Relações do corpo social, classes econômicas distintas e caráter moral e ético são elementos geralmente trabalhados nas obras machadianas para configurar um modelo de personagem. “Machado de Assis, recorre continuamente a clichês com o objetivo de construir meios de representação da realidade a partir dos quais se fundamenta uma crítica social” (CORDEIRO, 2004, p. 276). Estreitando a concepção realista para as personagens de *Quincas Borba*, é interessante a maneira como autor desenvolve o enredo a partir das personagens que apresentam um papel essencial na composição da narrativa. Dessa forma, ele elenca relações sociais, bem como atos individuais e coletivos na concepção de cada personagem, atribuindo questões psicológicas e de caráter moral para as figuras da obra.

Rubião, Sofia e Palha são as três personagens que compõem a cena central do romance, e por meio delas as outras figuras serão elencadas, pois em *Quincas Borba* as ações de outras personagens sempre estão ligadas de alguma forma a esses três núcleos que no decorrer da narrativa se transformam em símbolos e referências para a concepção das relações sociais e de poder.

Desde o início da narrativa, percebe-se o encantamento de Rubião por Sofia. Em determinado trecho do livro, ficam claras as intenções do ex-professor, quando faz alusões a seus desejos marcados de dúvidas: “Mas que pecado é este que me persegue? pensava ele andando. Ela é casada, dá-se bem com o marido, o marido é

meu amigo, tem-me confiança, como ninguém... Que tentações são estas?” (ASSIS, 1994, p. 19).

Suas atitudes acabam interpretadas como uma oportunidade para Palha, que reconhece a beleza da esposa e usa deste artifício para firmar laços com o herdeiro de Quincas Borba no intuito de se beneficiar financeiramente. Nessa implicação, cria-se a relação de poder central do romance, já que Rubião precisa de Palha porque quer Sofia, e Palha necessita se aproximar do capital de Rubião. Salienta Borges (2007):

Sofia, adequando-se aos procedimentos arrivistas do marido, passou a ser o chamariz para atrair capitalistas e políticos ‘poderosos’, com a finalidade de apoiar o esposo em seus negócios. Para servir de atrativo, Palha a exibia em “reuniões frequentes”, com “vestidos caros e joias”, indo, muita vez, ‘a bailes, em que se divertia pouco, mas ia menos por si que para aparecer com os olhos da mulher, os olhos e os seios’ (BORGES, 2007, p. 59).

Para que fosse possível usar Sofia para enlaçar o inexperiente capitalista que é Rubião, Cristiano Palha: “[...] decotava a mulher sempre que podia, e até onde não podia, para mostrar aos outros as suas venturas particulares” (ASSIS, 1994, p. 90). Apesar dessas atitudes, Sofia se mostra fiel ao marido ao longo do romance, caracterizando-se como uma mulher exemplar de esposa idealizada dentro do conjunto de valores da família burguesa patriarcal, conforme explica Del Priore (2012, p. 135), “[...] As mulheres ‘honestas’ sabiam que seu papel era servir de apoio para a carreira do marido, um herói, e não se prestar ao papel de ‘pistoleiras’. Para a figura feminina, recuperava-se a velha oposição entre mães e prostitutas”.

Apesar de características que determinam Sofia como uma personagem submissa, podem-se perceber, durante a narrativa, traços de ambiguidade na sua personalidade, já que se comporta dessa maneira para servir aos propósitos do marido, porém o leitor nunca tem acesso à real psicologia da personagem. Dessa forma, a sua imagem moral torna-se um elemento obscuro e inatingível de caracterização, haja vista que “Sofia é uma figura que produz divergências. Ora é vista pela bibliografia acerca de Quincas Borba como submissa, ora como uma pessoa que agia e por isso mesmo se transformava em uma mulher manipuladora e vil” (MEGID, 2011, p. 3).

Essa dualidade problematizada por Machado na figura da esposa de Palha dificulta ainda mais o entendimento das verdadeiras intenções de Sofia, tornando-se

difícil julgar as ações da personagem, já que sua posição está inserida dentro do contexto oitocentista:

Sofia é a imagem da mulher-esposa dessacralizada, pois não era mãe. Ela foi representada como inteligente, ambiciosa e zelosa de levar a frente esse projeto de ascensão social em convivência com seu marido, o qual conduzia e encaminhava como representante da nova elite da sociedade patriarcal (BORGES, 2007, p. 59).

Partindo desse pressuposto, não se pode negar o caráter ambíguo que perpassa a imagem moral de Sofia, pois as suas ações manipuladoras sempre tinham algum propósito e para consegui-las a personagem utiliza “armas” que a tornam complexa, evidenciando que se apresenta como uma personagem superior às figuras femininas do romance. Cristiano Palha e Sofia, se julgados por suas ações, apresentam-se desde o início do romance como protótipos narcisistas que agem cautelosamente visando aos seus gloriosos triunfos e feitos.

Machado também trabalha de forma contrastante a diferença social entre Rubião e o casal Palha. Percebe-se no decorrer da narrativa que o ex-professor jamais consegue vivenciar de forma satisfatória a vida burguesa na qual foi aparentemente incluído. Ao simplório Rubião:

Pediam-lhe uns bons pares de contos de réis, não entendia de comércio, não lhe tinha inclinação. Demais, os gastos particulares eram já grandes; o capital precisava do regímen do bom juro e alguma poupança, a ver se recobrava as cores e as carnes primitivas (ASSIS, 1994, p. 58).

Entretanto Cristiano e Sofia conseguem, por meio do capital, representar essa vida exemplar pertencente à classe alta, tendo entrada livre nos hábitos de vida que faziam parte da “nata social” tão diferente dos conceitos que permeavam a vida dos menos favorecidos.

As caracterizações atribuídas a Cristiano sempre remetem a um homem certo para os negócios, exemplificado em um protótipo cuja vida é digna de vitórias e glórias: “Rubião não podia compreender os algarismos do Palha, cálculos de lucros, tabelas de preço, direitos da alfândega, nada; mas, a linguagem falada supria a escrita. Palha dizia coisas extraordinárias, aconselhava ao amigo” (ASSIS, 1994, p. 58). Para a mulher de Palha restava ter reconhecida a beleza, divina em todas as suas aparições durante a narrativa. A título de exemplo, o narrador assim a descreve num trecho do

romance: “Sofia estava magnífica. Trajava de azul escuro, muito decotada, — pelas razões ditas no capítulo XXXV; os braços nus, cheios, com uns tons de ouro claro, ajustavam-se às espáduas e aos seios, tão acostumados ao gás do salão” (ASSIS, 1994, p. 59).

A personagem, além de uma beleza natural e gestos que saltavam os olhos de qualquer homem, apresentava-se com vestimentas e joias que a caracterizavam como uma espécie de mercadoria. Isso pode ser notado na contínua caracterização dos objetos que a enfeitavam: “Diadema de pérolas feitiças, tão bem acabadas, que iam de par com as duas pérolas naturais, que lhe ornavam as orelhas, e que Rubião lhe dera um dia” (ASSIS, 1994, p. 59).

De forma concisa, Sofia e Cristiano Palha apresentavam-se como paradigmas do padrão burguês em seus estilos de vida, pois possuíam os critérios necessários para adentrar esse campo social, ao passo que Rubião era um simples apaixonado e impressionado com os eventos de sua nova vida de herdeiro. Um pensamento que se pode atribuir a essa divisão de camadas sociais presentes em *Quincas Borba* é o fato de que:

Machado se compraz na mimese incisiva de certos tipos representativos de uma sociedade como a do Segundo Império, repartida grosso modo em proprietários, funcionários, agregados e escravos. É a cota do seu realismo em senso estrito, apontado e louvado como materialista por um dos pioneiros da crítica marxista [...] O que a sociologia determinista da literatura faz é uma operação até certo ponto simples de raciocínio generalizante. O pressuposto é conhecido: os tipos sociais existem, absolutamente, fora e dentro do texto. São peças-chave no processo de reprodução do sistema social. Se o autor transpôs para o plano do simbólico alguns esquemas de conduta que se encontram previamente na sociedade (sinônimo, aqui, de “realidade”), por que não conceber toda a esfera da obra ficcional como uma vasta rede tipológica (BOSI, 2003, p. 13).

Essa problematização dos fatores sociais presente na obra machadiana faz com que suas personagens tenham uma característica específica e simbólica, pois suas figuras, como é o caso de Rubião, têm a sua trajetória definida durante o romance. Nesse sentido, a impressão causada por esse aspecto é que determinadas personagens não podem mudar a sua realidade e condições. Por mais rico que Rubião tenha se tornado, ele nunca deixou de ser o professor de Barbacena. Dessa forma, a representação que Machado faz por meio de suas figuras é que elas tenham um caráter histórico, típico da sociedade brasileira, tornando-as núcleos representativos

de relações e valores de classes sociais que perpassem a trajetória histórico-social do país.

2.2 A VERDADE POR CRISTIANO PALHA

Já é fato consumado que durante a trajetória da história brasileira pessoas mais “cultas” e detentoras de poder econômico senhoreiam privilégios e são possuidores da razão e da verdade, influenciando mais fortemente na vida pública e privada do que outros. “De tal ordem que elas são uma ‘pessoa moral’, algo que age unitária e corporativamente, como um indivíduo entre outros” (DAMATTA, 1986, p.16). Dessa forma, as relações sociais existentes em uma sociedade são determinantes na construção de uma identidade, na qual cada indivíduo está condicionado a uma realidade em relação aos demais, porém essa condição pode ser modificada. A compreensão dessa afirmação pode ser exemplificada em alguns episódios de *Quincas Borba*.

Cristiano Palha passa por um processo de transformação, primeiramente, apresenta-se como amigo e dependente de Rubião, posteriormente, é tido como uma espécie de “anjo da guarda”, detentor da verdade, fato que o torna gerenciador financeiro do capital do herdeiro. Por fim, Rubião acaba na condição de dependente e necessitado da ajuda de Palha para sobreviver.

Esse processo de transformação na vida de Cristiano Palha, em que o personagem passa de dependente a detentor do capital de Rubião acontece gradativamente durante a narrativa. Enquanto o herdeiro se mostra vulnerável no que se referia a negócios e ao controle de seu cabedal, Cristiano aparentemente parece auxiliá-lo: “Palha dizia coisas extraordinárias, aconselhava ao amigo que aproveitasse a ocasião para pôr o dinheiro a caminho, multiplicá-lo” (ASSIS, 1994, p. 58), tornando-se, dessa forma, sócio de Rubião sob a firma Palha & Cia. Esse é um dos primeiros acontecimentos da narrativa que dão início ao processo de transformação. É perceptível na caracterização de Palha a superioridade intelectual que ele representava em relação à ingenuidade do herdeiro.

Transcorrido algum tempo após o início das negociações entre as personagens, Palha se transforma em um mediador entre o capital e os interesses de Rubião, conforme pode ser notado no excerto a seguir: “Seguramente, que pode dar

cinco, dez ou quinze contos, tornou o Palha; mas o seu capital precisa cautelas, você está entrando muito por ele... Repare que já lhe rende menos” (ASSIS, 1994, p. 88). A autoridade empregada por Cristiano fica patente. Este não só age sobre o capital do herdeiro, bem como sobre as decisões e interesses de Rubião. Aos poucos, Palha vai delineando o futuro do rico de Barbacena, expondo-lhe os fatos não mais como amigo, mas como se fosse o próprio detentor do capital.

Ao enriquecer-se à custa da herança do sócio, Cristiano constata que Rubião deixa de ser necessário e atrativo, e dessa forma, importar-se com o herdeiro não é mais proveitoso. Inicia-se, então, a inversão de posições sociais de Rubião, antigo professor de Barbacena, e Cristiano Palha, atual capitalista: “Antes de meia hora estava lá, pedindo-lhe dois contos de réis. Palha já não resistia ao desmoronamento do capital; e, se uma ou outra vez, dizia alguma palavrinha frouxa, agora entregou-lhe o dinheiro com indiferença” (ASSIS, 1994, p. 93). Pode-se atribuir a Rubião, na leitura desse trecho, uma caracterização de “mendigo” que pede trocados para alguém com o intuito de manter suas necessidades, apesar de estar pedindo o próprio dinheiro. Palha, homem de negócios, pouco tempo depois, corta as ligações financeiras com o sócio falido:

— Estou com meu plano de liquidar o negócio; convidaram-me aí para uma casa bancária, lugar de diretor, e creio que aceito. Rubião respirou. — Pois sim; liquidar já? — Não, lá para o fim do ano que vem. — E é preciso liquidar? — Cá para mim, é. Se a história do banco não fosse segura, não me animaria a perder o certo pelo duvidoso; mas é seguríssima. — Então no fim do ano que vem soltamos os laços que nos prendem... Palha tossiu. — Não, antes, no fim deste ano. Rubião não entendeu; mas o sócio explicou-lhe que era útil desligarem já a sociedade, a fim de que ele sozinho liquidasse a casa” (ASSIS, 1994, p. 107 – 108).

Como se depreende do excerto acima, a utilização do discurso direto, especificamente nesse trecho apresenta ao leitor uma cena comum e usual, tornando facilmente perceptível as desculpas e mentiras que Palha utiliza para se distanciar economicamente de Rubião.

Por fim, concretizada a inversão das posições sociais entre Palha e Rubião, a relação de poder entre os dois personagens configura-se de outra forma, pois o sócio falido depende financeiramente das ajudas de Palha, porém não é habilidoso nem capitalista, muito menos consegue expressar as coisas extraordinárias que julgava que Cristiano sabia. Dessa forma, sobrevive de migalhas dadas pelo capitalista. Além

dessa dependência, está loucamente desesperado pelo amor de Sofia. Não sendo possível alcançar nenhum dos objetivos, pois o casal Palha já não depende do capital de Rubião, o herdeiro fica só nas memórias de Palha, que agora circula somente entre a alta classe. No que se refere a Rubião cabe a seguinte caracterização:

Era rico, — mas gastador. Conhecemo-lo quando veio de Minas, e fomos, por assim dizer, o seu guia no Rio de Janeiro, aonde não voltara desde longos anos. Bom homem. Sempre com luxo, lembra-se? Mas não há riqueza inesgotável, quando se entra pelo capital; foi o que ele fez. Hoje creio que tenha pouco... (ASSIS, 1994, p. 107 – 108).

Cristiano é o detentor da “verdade” desde o primeiro encontro com Rubião. Essa sociedade inacessível para o herdeiro, mas de livre passagem para o casal Palha, afirma uma das atribuições mais importantes dos romances de Machado de Assis, pois Machado trabalha nessa divisão de classe e disparidades econômicas e intelectuais entre suas personagens, conforme enfatiza Bosi sobre o romance machadiano: “A imagem da escada feita de degraus de diferentes alturas talvez esclareça melhor a lei imanente dessa formação social” (BOSI, 2003, p. 153).

Rubião desce os degraus dessa escada, utilizada metaforicamente por Bosi para explicar as diferentes posições sociais e de poder que estão presentes ao longo da narrativa de *Quincas Borba*. Antes mesmo de colocar as mãos no dinheiro de seu amigo filósofo, o ex-professor de Barbacena já possuía seu destino socialmente definido e, diferentemente de Palha, o tamanho do seu capital não o transforma moral e socialmente, pois apesar da sua alta posição econômica, Rubião ainda se encontra preso a condição de ex-professor e dependente. Anteriormente foi observado que a personagem vivia à custa de Quincas, condicionado a uma forma de “cuidador” do seu amigo. No auge de seu poder econômico, Rubião avança alguns degraus nessa escada, porém, condicionado a esse futuro, gradativamente regride ao seu estado inicial.

2.3 SOB O OLHAR DE SOFIA

Antes de iniciar a análise da personagem sob um viés mais crítico, cumpre perceber a importância de Sofia aos olhos do narrador de *Quincas Borba*:

Era daquela casta de mulheres que o tempo, como um escultor vagaroso, não acaba logo, e vai polindo ao passar dos longos dias. Essas esculturas lentas são miraculosas; Sofia rastejava os vinte e oito anos; estava mais bela que aos vinte e sete; era de supor que só aos trinta desse o escultor os últimos retoques, se não quisesse prolongar ainda o trabalho, por dois ou três anos. Os olhos, por exemplo, não são os mesmos da estrada de ferro, quando o nosso Rubião falava com o Palha, e eles iam sublinhando a conversação... Agora, parecem mais negros, e já não sublinham nada; compõem logo as coisas, por si mesmos, em letra vistosa e gorda, e não é uma linha nem duas, são capítulos inteiros. A boca parece mais fresca. Ombros, mãos, braços, são melhores, e ela ainda os faz ótimos por meio de atitudes e gestos escolhidos. Uma feição que a dona nunca pôde suportar, — coisa que o próprio Rubião achou a princípio que destoava do resto da cara, — o excesso de sobrancelhas, — isso mesmo, sem ter diminuído, como que lhe dá ao todo um aspecto muito particular. (ASSIS, 1994, p. 26)

Como já foi dito anteriormente, em uma leitura mais superficial, Sofia pode ser conceituada como uma personagem simples, submissa a seu marido e de caracterização psicológica superficial. É como se ela fosse uma “engrenagem” para o triunfo dos planos de Palha, e somente isso. Porém, em uma análise mais atenta, é perceptível em certos momentos da narrativa vê-la como uma personagem totalmente independente e influente para o acontecimento dos fatos.

[...] Machado, no prólogo da terceira edição, afirma que lhe sugeriam que fizesse uma trilogia – Brás Cubas, Quincas Borba e Sofia, ao que ele teria retorquido que não via necessidade já que, ao seu ponto de vista, toda Sofia estava no texto de Quincas Borba (FREITAS, 2001, p. 107)

A relação entre ela e Rubião também passa por um processo de transformação, uma vez que Sofia não somente serve aos propósitos de seu marido, bem como se mostra uma personagem vil e manipuladora. Sofia é um elemento fundamental e que torna ainda mais complexa a narrativa de *Quincas Borba*.

Nos textos machadianos, as mulheres sempre foram fundamentais na composição da narrativa:

Seus romances foram, alguns deles, primeiramente escritos em jornais para moças. Foi ele um escritor que contribuiu para a libertação da mulher burguesa, condenada que estava a viver para a família, ou seja, casa, marido e filhos. Seus textos, como os de Flaubert, punham a mulher a sonhar (FREITAS, 2001, p. 79 – 80).

Os “pecados” cometidos por Sofia, a sua presença no romance como uma mulher à frente de seu tempo, são características que tornam tanto a personagem quanto a narrativa elementos mais sofisticados se analisados juntamente com o

contexto. Como já foi dito, Machado escreveu para e sobre mulheres, “[...] porém, mais verdadeiro seria que escreve para e sobre mulheres e homens. Homens e mulheres estão em posição inclusiva, não se pode separá-los, sob pena de extinção da espécie” (FREITAS, 2001, p. 159).

Dentro dessa perspectiva, não se pode falar em Sofia sem falar de Rubião e Palha e vice-versa, criando um núcleo de relações entre as três personagens. Ressaltada a importância que a mulher, nesse estudo mais precisamente Sofia, tem para o desenvolvimento do romance, pode-se mostrar como a esposa de Palha é fundamental nesse processo de transformação nas posições sociais dos Palha e Rubião e na relação ambígua do trio.

Um dos temas recorrentes nas obras de Machado é o adultério. A traição em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, por exemplo, acontece fisicamente, porém em *Dom Casmurro* o adultério fica somente no plano psicológico, pois o narrador Bento Santiago faz com que o leitor desavisado enverede para um julgamento cuja finalidade é a condenação de Maria Capitolina. Fato semelhante acontece em *Quincas Borba*, pois o adultério acontece psicologicamente: “O tema do adultério volta à cena, porém é o adultério não realizado, diríamos que o que fica em jogo é a sedução histórica de uma mulher casada por conveniência, numa relação em que o amor entra apenas acidentalmente” (FREITAS, 2001, p. 108).

2.4 ADULTÉRIO COMO POSSIBILIDADE: A TRANSGRESSÃO MORAL IMPLÍCITA DE SOFIA E PALHA

Para definir essa relação numa perspectiva psicanalítica, é preciso avaliar Rubião, Cristiano Palha e Sofia:

O adultério como possibilidade é a tônica de todo o romance. Rubião está sempre à espera do sim de Sofia. Ela encarna a sedução – é a mais legítima representante do comentário de Freud de que as históricas sempre encantam nos salões. Se não chegam às vias de fato, no entanto, a muitos parece que sim. É a sedução consentida, é o triângulo que excita o marido, na sua admiração homossexual pelo potencial amante, o ricaço de Barbacena (FREITAS, 2001, p. 79 – 80).

Quando Machado cria esse eixo de adultério envolvendo, através das relações de poder, Rubião, Palha e Sofia, o escritor altera o sentido da situação, pois

se há consentimento por parte do marido não é mais traição, porém essa atitude ainda pode ser considerada uma transgressão aos valores morais e éticos. Evidenciando o que foi dito acima, eis um exemplo retirado do romance, um fato sucedido certa noite no jardim da casa de Palha, quando Rubião deixa de cortejar Sofia e resolve declarar-se a ela:

— Vamos para dentro, murmurou Sofia. Quis tirar o braço; mas o dele reteve-lho com força. Não; ir para quê? Estavam ali bem, muito bem... Que melhor? Ou seria que ele a estivesse aborrecendo? Sofia acudiu que não, ao contrário; mas precisava ir fazer sala às visitas... Há quanto tempo estavam ali! — Não há dez minutos, disse o Rubião. Que são dez minutos? — Mas podem ter dado pela nossa ausência... Rubião estremeceu diante deste possessivo: nossa ausência. Achou-lhe um princípio de cumplicidade. Concordou que podiam dar pela nossa ausência. Tinha razão, deviam separar-se; só lhe pedia uma coisa, duas coisas: a primeira é que não esquecesse aqueles dez minutos sublimes; a segunda é que, todas as noites, às dez horas, fitasse o Cruzeiro, ele o fitaria também, e os pensamentos de ambos iriam achar-se ali juntos, íntimos, entre Deus e os homens. (ASSIS, 1994, p. 29 - 30).

O trecho citado é longo, porém, necessário para que se note a totalidade do ocorrido. Sofia, sentindo-se desrespeitada com o que se passou, notando as intenções de Rubião recorre ao seu marido. Ao contar para Palha sobre o ocorrido no jardim, ele responde da seguinte maneira:

— Mas como se hão de cortar as relações de uma vez? — Fechar-lhe a porta, mas não digo tanto; basta, se queres, aos poucos... Era uma concessão; Palha aceitou-a; mas imediatamente ficou sombrio, soltou a mão da mulher, com um gesto de desespero. Depois, agarrando-a pela cintura, disse em voz mais alta do que até então: — Mas, meu amor, eu devo-lhe muito dinheiro. Sofia tapou-lhe a boca e olhou assustada para o corredor (ASSIS, 1994, p. 42).

Palha torna explícito seu consentimento com a possibilidade de adultério da esposa, tornando explícito uma situação de transgressão de valores morais. Essa violação ocorre por meio de um pacto implícito entre o casal. Embora tenham mudado as relações entre Rubião e Palha, as transformações também ocorrem entre o herdeiro e Sofia. É notável nos trechos analisados a preocupação que a esposa de Cristiano tem em mostrar-se educada, afetiva e convidativa, visto que isso faz parte do jogo de sedução da personagem conforme explica Freitas:

A sedução implica utilizar todos os meios para fazer com que o admirador se encante cada vez mais, que se entregue a uma admiração sem quartel, que fique avassalado ao outro. Para tal empreitada, o jogo deve ser ora sutil, ora mais audacioso, deve por vezes deixar de lado as reticências, não em demasia, mas sem deixa-las naturalmente, como se estivesse também seduzida pelo seduzido (FREITAS, 2001, p. 108).

Sofia por consequência não está nesse jogo ingenuamente, ela sabe exatamente como criar os laços que prendem Rubião, a personagem age cautelosamente tendo ciência de toda a situação, o conhecimento de Palha é atrativo, porém não é ele quem faz o herdeiro perder todo o capital.

[...] 'nem todas as relações subsistiram, mas a maior parte delas estavam atadas', e, segundo o narrador, 'não faltava à nossa dona talento de as tornar definitivas.' Se o marido "pecava por turbulento, excessivo, derramado, dando bem a ver que o cumulavam de favores, que recebia finezas inesperadas e quase imerecidas', era Sofia que vinha 'emendá-lo, vexava-o com censuras e conselhos', corrigindo suas 'imperfeições' e instruindo-o a respeito de como se comportar socialmente. 'Sofia é que, em verdade, corrigia tudo. Observava, imitava. Necessidade e vocação fizeram-lhe adquirir, aos poucos, o que não trouxera do nascimento nem da fortuna' (BORGES, 2007, p. 60).

Sofia é quem desencadeia o processo de inversão nas posições sociais entre o casal e Rubião. No que se refere a Rubião, é notável que o interesse do personagem volte-se somente à esposa do falso amigo. Pouco importa o capital ou as amizades, Sofia é o elemento que atormenta a psicologia do herdeiro, ela é o tão esperado troféu. A realização consciente desse processo de manipulação faz que Sofia experimente os prazeres do adultério, por intermédio da demonstração de superioridade, a esposa de Palha aprende a gostar dessa situação, tornando suas características vaidosas ainda mais fortes.

O prazer de submeter o homem apaixonado, extorquir a declaração de amor, para depois dizer-se surpresa é gozo que impera em Sofia. Rubião Vai ser colocado no lugar do mestre, do poder, contudo as respostas que dá às demandas que lhe fará a sedutora serão sempre invalidadas, mantendo-o em um estado de eterno desejo, numa corrida sem fim em que a promessa de um gozo futuro fica sempre subentendida (FREITAS, 2001, p. 109).

Assim como a vaidosa Sofia, Rubião se avalia exageradamente bem, de uma forma imodesta, ele sabe que possui o capital e poder que Cristiano não têm no momento, sabe da disparidade e das chances que tem para se tornar amante e, quiçá, marido da esposa de Palha, "Não desejar a mulher do próximo é uma lei que sempre

dá para ser driblada se for a dama quem deseja – e não se deve deixar de atender ao pedido de uma dama” (FREITAS, 2001, p. 110). Essa filosofia domina as ações e o pensamento do ex-professor, tornando Sofia não só um troféu o qual está destinado a ganhar, mas a torna psicologicamente um cúmplice de seus planos adultérios.

Por consequência, pode-se entender Rubião não só por sua ingenuidade, não mais como alguém inocente, pois foi a ambição amorosa dele que delineou o seu futuro, ou seja, “O ser humano tem em si o germe da competição, gosta de ser admirado, de produzir inveja, pois assim se sente superior ao outro, assim estava Rubião, no trem, descendo de Minas com o casal Palha” (FREITAS, 2001, p. 110). Rubião perde sua áurea angelical no momento em que direciona seus desejos para a mulher do outro. Ele sabia dos erros que estava cometendo ao se interessar por uma mulher casada. No início das relações com Sofia, Rubião mostra-se desorientado, em dúvida, evidenciando suas concepções morais.

Não posso, não devo, ia dizendo a si mesmo, não é bonito ir adiante. Também é verdade que, a rigor, não sou autor de nada; ela é que, desde muito, me anda desafiando [...] Sei que é honrado, que trabalha muito; o diabo da mulher é que fez mal em meter-se de permeio, com os lindos olhos e a figura... Que admirável figura, meu pai do Céu! Hoje então estava divina. Quando o braço dela roçava no meu, à mesa, apesar da minha manga [...] Confuso, incerto, ia a cuidar na lealdade que devia ao amigo, mas a consciência partia-se em duas, uma increpando a outra, a outra explicando-se, e ambas desorientadas (ASSIS, 1994, p. 34).

Como é sabido, Rubião vai adiante com seu objetivo de possuir Sofia, e dessa forma, prova-se a sua transgressão moral, que fica em segundo plano durante o romance, porém deve ser lembrada para compreensão do triângulo amoroso entre as personagens. Dentro desse espaço de adultério e ambição é que a inversão nas posições sociais vai se configurar, pois estes são esses os elementos que dão força para que o processo de inversão entre a condição de Rubião e do casal Palha se concretize, resultando no herdeiro falido e Cristiano e Sofia atingindo a vida luxuosa tão sonhada que está inserida no contexto da nata social do século XIX.

3 CIRCULANDO ENTRE OS ESPAÇOS DE *QUINCAS BORBA*

3.1 A INTERVENÇÃO DOS ESPAÇOS NAS RELAÇÕES SOCIAIS E DE PODER

Para destacar a importância que os espaços empregam em uma análise cujo foco é composto pelas relações sociais, faz-se necessário uma ideia introdutória, já que, em um primeiro momento, esse tema possa parecer destoante com o restante da pesquisa. Para tal discussão, questões sobre espacialidade discutidas pelo antropólogo Roberto DaMatta auxiliam numa melhor compreensão:

Quem escreve sobre a sociedade sem querer perder de vista as relações sociais e seus paradoxos não pode construir casamatas, mas cabanas, barracos e choças. Moradas feitas de grandes espaços abertos, destinadas à boa comida e à nobre cerveja com os amigos, dentro daquelas conversações onde se ama o que se fala e se desculpa toda a veemência que acompanha uma eventual descoberta de algum aspecto da sociedade e da cultura onde se vive (1997, p. 11).

Para não perder de vista as relações sociais oitocentistas, tenciona-se nesse capítulo mostrá-las através dos ambientes sociais: sejam eles espaços públicos, lugares onde os olhares da sociedade estavam sempre presentes como uma lei que vai julgar e controlar o comportamento das pessoas; sejam espaços privados, que como o próprio nome remete, a privacidade é o elemento principal que influenciara no comportamento das personagens, apagando essa lei subtendida nos espaços públicos. Essa intervenção que os espaços empregam no comportamento das personagens torna-se fundamental para compreender as relações sociais e de poder, pois está presente como elemento que dita e medeia o ritmo em que essas relações acontecem.

No que se refere às relações sociais e de poder, os lugares do romance apresentam-se como elementos de grande importância para análise e precisam ser vistos como “[...] um espaço moral posto que não pode ser definido por meio de uma fita métrica, mas - isso sim - por intermédio de contrastes, complementaridades, oposições” (DAMATTA, 1997, p. 16). Essa afirmação torna os espaços intimamente ligados ao fazer social, de modo que influenciam diretamente nas ações e comportamento das pessoas.

A casa e a rua interagem e se complementam num ciclo que é cumprido diariamente por homens e mulheres, velhos e crianças. Pelos que ganham razoavelmente e até mesmo pelos que ganham muito bem. Uns fazem o percurso casa-rua-casa a pé; outros seguem de bicicleta. Muitos andam de trens, ônibus e automóveis, mas todos fazem e refazem essa viagem que constitui, de certo modo, o esqueleto da nossa rotina diária. Há uma divisão clara entre dois espaços sociais fundamentais que dividem a vida social brasileira: o mundo da casa e o mundo da rua (DAMATTA, 1986, p. 16)

Para exemplificar, a *rua* pode ser representada por ambiente em que teoricamente estão “[...] o trabalho, o movimento, a surpresa e a tentação. [...] ela, como um conceito inclusivo e básico da vida social – como “rua” –, é o lugar do movimento, em contraste com a calma e a tranqüilidade [sic] da casa, o lar e a morada” (DAMATTA, 1986, p.16). Nessa esfera, as pessoas buscam atingir uma imagem moral que muitas vezes não condiz com sua conceituação no espaço da casa. Dessa forma, cria-se no indivíduo uma oposição de identidade entre *casa* e *rua*, simbolicamente representados como espaços morais. Na *casa* somos membros de uma família “[...] de um grupo fechado com fronteiras e limites bem definidos. Seu núcleo é constituído de pessoas que possuem a mesma substância – a mesma carne, o mesmo sangue e conseqüentemente [sic], as mesmas tendências” (DAMATTA, 1986, p. 16), o que torna determinado indivíduo mais livre e, de certa forma, mais verdadeiro em seus atos e intenções.

Na conceituação de *casa*, pode-se atribuir um sentido de seguimento familiar, onde as pessoas daquele espaço estão habituadas a determinada linha de pensamentos e valores morais, havendo certa harmonia moral, pois o indivíduo de determinado grupo familiar, por ser educado e criado dentro daquele espaço, possui as mesmas tendências.

Essa influência social constituída pelos diferentes espaços morais torna-se uma característica fundamental na compreensão das relações sociais e de poder, porque, se relacionada com o romance, pode-se perceber, de forma contextual, como esses elementos são aplicados socialmente. Fazendo a ligação entre os espaços morais e *Quincas Borba*, constatam-se como esses lugares são influentes nas personagens e que alterações comportamentais podem ser evidenciadas nos diferentes ambientes da narrativa, e esses espaços são determinantes nas ações das personagens, pois elas, de forma implícita, dão forma às relações sociais e de poder.

3.2 A CASA DOS PALHAS SOB A PERSPECTIVA DE RUBIÃO

No decorrer da narrativa, Sofia vai perdendo o interesse e a necessidade de se mostrar convidativa e educada para Rubião, motivada pela obtenção de poder e capital. A partir do momento em que o ex-professor não possui dinheiro, os afetos por parte da esposa de Palha cessam, e Rubião passa a não ser mais bem-vindo em certos espaços. Ocorrem no comportamento de Sofia transformações drásticas, pois se soltam os laços que a prendiam junto ao herdeiro. Assim que Rubião passa à condição de um sujeito falido, fecham-se as portas da casa dos Palha e, por extensão, é óbvio, a possibilidade de ele alcançar a mulher desejada.

Para Sofia restavam os objetos com as quais Rubião a presenteara e que agora enfeitavam sua luxuosa casa: “Pegou de um romance recente; fora-lhe dado pelo Rubião. Outras coisas ali lhe lembravam o mesmo homem, tetéias [sic] de toda a sorte, sem contar jóias [sic] guardadas” (ASSIS, 1994, p. 106).

A casa dos Palha deve ser entendida pelo valor simbólico que possui, pois os espaços da rua e da casa, sendo compreendidos como elementos influentes no comportamento das personagens, passam a ser agentes das ações ocorridas na narrativa. Esse fato fica mais evidente em Sofia, que age cautelosa e atentamente conforme as circunstâncias a qual está condicionada. Afinal, o contexto *casa* e *rua* estão ativamente presentes no comportamento da personagem que necessita manter sua imagem moral intacta. Dessa forma, a rejeição a Rubião acontece em graus e de formas diferentes, dependendo do espaço em que acontecem.

No que se refere a esses espaços é preciso entender que:

Quando digo então que "casa" e "rua" são categorias sociológicas para os brasileiros, estou afirmando que, entre nós, estas palavras não designam simplesmente espaços geográficos ou coisas físicas comensuráveis, mas acima de tudo entidades morais, esferas de ação social, províncias éticas dotadas de positividade, domínios culturais institucionalizados e, por causa disso, capazes de despertar emoções, reações, leis, orações, músicas e imagens esteticamente emolduradas e inspiradas (DAMATTA, 1997, p. 15).

Para Rubião a casa dos Palha é, em um primeiro momento, tida como um ambiente amigável e receptivo. O casal Palha sempre lhe fizera vários convites para firmar as leis da *boa amizade*: “Vá jantar logo comigo, em Santa Teresa, disse o Palha ao despedir-se. Não tem que hesitar, lá o espero, concluiu retirando-se” (ASSIS, 1994,

p.18). Até cartas acompanhadas de agrados eram enviadas ao recente capitalista: “Mando-lhe estas frutinhas para o almoço, se chegarem a tempo; e, por ordem do Cristiano, fica intimado a vir jantar conosco, hoje, sem falta. Sua verdadeira amiga SOFIA.” (ASSIS, 1994, p. 23, grifo do autor).

Esse espaço de amizade e de boa receptividade que simboliza a casa dos Palha vai, no decurso da narrativa, transforma-se um ambiente totalmente diferente. Conforme Rubião vai se enfeitando por Sofia, pondo seu capital a perder, já se levanta a questão de cortar as relações com o herdeiro, “Mas como se hão de cortar as relações de uma vez? — Fechar-lhe a porta, mas não digo tanto; basta, se queres, aos poucos” (ASSIS, 1994, p. 23). Por motivos já mencionados, Cristiano mantém suas portas abertas a Rubião porque lhe deve muito dinheiro, não podendo simplesmente cortar relações com o sócio, todavia essa ação dá início ao seu processo de rejeição.

À medida que o capital do herdeiro vai se extinguindo, as portas se lhe vão fechando, e ele passa a não ser um indivíduo bem recebido nesse local. As relações até então próximas entre as três personagens deixam, aos poucos, de existir. Como salienta DaMatta, há o fim “Das leis da amizade e do parentesco, que atuam pelas lágrimas, pelas emoções do dar e do receber, e dentro das sombras acolhedoras das casas e quartos onde vivemos o nosso quotidiano” (1997, p. 9). Essa lei subentendida entre as três personagens é quebrada, tendo em vista que o anfitrião, nesse caso Cristiano Palha, não se interessa em ser receptivo com sua “visita” Rubião, mostrando-se até certo ponto convidativo, muito embora ainda se mostre receoso na atitude tomada.

3.3 A PRIVACIDADE EXIBIDA NOS SALÕES FESTIVOS COMO PONTE PARA ASCENSÃO SOCIAL DO CASAL PALHA

Como é sabido, os ambientes públicos sempre foram os prediletos para o casal Palha aplicar os seus planos, pois era nesses espaços que Cristiano promovia suas “amizades” e relações, utilizando Sofia como uma espécie de isca para atrair os grandes capitalistas.

Uma questão pertinente seria: como então seria a vida do casal Palha em sua privacidade? A resolução dessa questão pode se desenvolver de diferentes formas,

visto que o casamento por convenção entre os dois cria uma atmosfera dentro de sua casa que não favorece a intimidade e nem as relações afetivas entre os cônjuges. Um exemplo para essas afirmações seria o fato do casal dormir em quartos separados:

[...] o quarto como elemento destacado na construção da individualidade e subjetividade moderna, o casal Palha, em Quincas Borba, possuía quartos separados, mesmo se dando bem, o que, por outro lado, era um obstáculo a uma maior intimidade entre o casal (BORGES, 2007, p. 47).

Dentro desse contexto, a vida íntima do casal surge de forma ambígua nas entrelinhas do romance, tendo em vista que Sofia e Palha exibiam sua privacidade em locais públicos, porém dentro de sua casa, ambiente que simbolicamente representa a privacidade, tentavam restabelecê-la de maneira desesperada, fato que afeta sua intimidade como casal:

O casal Palha, de Quincas Borba, protótipo do arrivista, representa os aprendizes desse jogo social, marcado por ambiguidades, e os educadores dos novos padrões morais e conjugais, pautados na conveniência, válidos para a vida doméstica e pública. Esse casal valorizava mais a vida externa e seus dividendos do que a íntima, sendo que, inclusive, dormiam em quartos separados, numa época que era cada vez mais usual os esposos dividirem o mesmo aposento e a mesma cama, como sinal de intimidade (BORGES, 2007, p. 133).

Tendo em vista que essa busca por privacidade cessava nos salões festivos, lugar que por necessidade, o casal Palha, mais precisamente Sofia, precisava brilhar; era ela quem se destacava em meio às pessoas exibindo suas privacidades até certo ponto. Essa distinção que naturalmente realizava por gestos, vestuário e atitudes, era necessária para que se efetivassem os propósitos do marido, em virtude de esses ambientes públicos se configurarem como os mais importantes para a promoção social tão sonhada pelo casal, conforme ressalta Borges:

Mas nesses salões, tão importantes nas novas formas de sociabilidade e divertimento, onde aconteciam os bailes, saraus, outras festas e visitas, como se comportavam seus participantes? Como se davam a aproximação, os intercâmbios, a confraternização e a convivência entre os indivíduos, tão importantes agora para seus estilos de vidas e negócios? (2007, p. 62)

Com toque de genialidade, Machado exhibe os espaços públicos como pontes para a ascensão social de Cristiano e Sofia, pois, como dito anteriormente, é por meio

deles que são firmadas as negociações do casal: “Sofia e Palha formavam um casal em ascensão social, para os quais a adulação e o exibicionismo nos salões eram instrumentos afinados para atingir seus objetivos, um ‘empurrão para cima” (BORGES, 2007, p. 133). Características como esta fazem que a narrativa se torne elemento sugestivo e crítico se feito paralelo com a sociedade oitocentista, tendo em vista que esses espaços sempre foram subjetivamente moldados por meio de traços morais construídos por intermédio de uma trajetória histórica e social do país, onde as pessoas tendem a seguir certos valores e se comportar de formas distintas.

Para Palha o sentimento de posse sobre a mulher prevalecia nos ambientes públicos, fazia gosto em mostrar e admirar sua conquista. A passagem a seguir exemplifica essa atitude de Palha: “Entre as senhoras és tu, acudiu ele mirando-se no colo da mulher, e circulando depois os olhos pela sala, com uma expressão de posse e domínio, que a mulher já conhecia e que lhe fazia bem” (ASSIS, 1994, p. 43).

A esposa de Palha já estava acostumada com as luzes dos salões, ela dominava todas as leis necessárias para ser o maior atrativo da noite, enquanto Palha empenhava-se em seus objetivos econômicos. “Nesse “século grave”, segundo a visão de alguns, a dança propiciava grande aproximação entre as pessoas, que se ofereciam às outras à distância, e grandes possibilidades de diversão” (BORGES, 2007, p. 62), ninguém, durante todo o romance, dançava melhor que a esposa de Palha, “Sofia polcava e valsava com ardor, e ninguém se pendurava melhor do ombro do parceiro” (ASSIS, 1994, p. 57).

Afirmar que ela dominava todas as leis dos salões para que a pudesse ser o destaque da noite e atrair os grandes capitalistas soa como um verdadeiro truísmo. Ainda tendo a dança como exemplo, Sofia valsava tão bem e reconhecia a importância de ter essa habilidade, a ponto de torná-la professora improvisada de sua prima: “Sofia, imaginando que era por medo que a prima não valsava nem polcava, quis dar-lhe algumas lições em casa, sozinhas, com o marido ao piano; mas a prima recusava sempre” (ASSIS, 1994, p. 57).

Cumprido salientar que, à época, a valsa era concebida como elemento fundamental para as moças que se manifestavam como mais cultas e mais desejadas porque “permitia que o casal se aproximasse fisicamente, por um lado, e, por outro, se isolasse das pessoas, constituindo momentos de certa privacidade meio ao extremo da publicidade dos salões” (BORGES, 2007, p. 63).

Deve-se atentar para o fato de que Sofia nunca é mencionada dançando com seu marido. Essa ação acontecia com outros homens. Um deles é Carlos Maria, “que era raro dançar, só valsava com Sofia” (ASSIS, 1994, p. 57), afinal de contas “Valsara com D. Sofia, por ser mestra no ofício; senão, nem isso” (ASSIS, 1994, p. 61).

Tão natural era para os dois atuar nos salões festivos, que mesmo após terem sido bem-sucedidos em seus planos narcisistas, alcançando o auge social e econômico, é nos salões festivos, *habitat* natural dos Palha, que eles celebram a sua vida de vitórias. Após o sucesso de seus planos arrivistas, Sofia e Palha possuem um objetivo particular: serem admirados, mostrar as riquezas conquistadas, visto que nada significava possuir poder econômico, era fundamental provocar inveja nas demais pessoas:

Sofia inaugurou os seus salões de Botafogo, com um baile, que foi o mais célebre do tempo. Estava deslumbrante. Ostentava, sem orgulho, todos os seus braços e espáduas. Ricas jóias [sic]; o colar era ainda um dos primeiros presentes do Rubião, tão certo é que, neste gênero de atavios, as modas conservam-se mais (ASSIS, 1994, p. 154)

3.4 RUBIÃO ENTRE OS ESPAÇOS PÚBLICOS E PRIVADOS

Durante o jogo de sedução que Sofia faz para enlaçar o herdeiro, os espaços públicos são primeiramente utilizados pela personagem como possibilidades e posteriormente motivo de se vexar. Durante o apogeu de Rubião, enquanto sua presença ainda era agradável à Sofia e ao marido, passeios e conversas a sós entre os dois acontecem em vários momentos da narrativa, porém, quando Rubião está falido, o casal começa a ter uma imagem socialmente negativa do herdeiro. Com Rubião falido a sua companhia em ambientes públicos passar a ser motivo de vergonha para Sofia, que anteriormente usava esses espaços para aplicar suas armas sedutoras sobre Rubião, os espaços públicos são, em um primeiro momento, utilizados como mais uma possibilidade de encantar o herdeiro, mas, no decorrer da narrativa, Sofia precisa cortar essas relações para que não se tenha uma imagem errada de sua pessoa.

Em certo episódio do romance, forçada por Rubião a um passeio sem avisos, a esposa de Palha, “Desatinada, quis ordenar ao cocheiro que parasse; mas o receio de um possível escândalo fê-la deter-se a meio caminho” (ASSIS, 1994, p. 122). A

ideia de ser vista com o antigo e pobre amigo, agora lhe atormenta os pensamentos, “[...] Sofia novamente pediu a Rubião que advertisse na inconveniência de irem assim, à vista de Deus e de todo mundo. Rubião respeitou o escrúpulo, e propôs que descessem as cortinas” (ASSIS, 1994, p. 122). Quando o herdeiro estava em seu auge de capitalista e detentor de poder, para Sofia não havia problemas em estar em um passeio com o amigo, porém agora era uma inconveniência “irem assim, à vista de Deus e de todo mundo” (ASSIS, 1994, p. 122).

A presença do herdeiro já a incomodava tanto que era evitada a todo custo, Rubião era indesejado a tal ponto por Sofia que causava desassossego e repugnância:

Um só incidente afligiu Sofia naquele dia puro e brilhante, — foi um encontro com Rubião. Tinha entrado em uma livraria da Rua do Ouvidor para comprar um romance; enquanto esperava o troco, viu entrar o amigo. Rapidamente voltou o rosto e percorreu com os olhos os livros da prateleira, — uns livros de anatomia e de estatística; — recebeu o dinheiro, guardou-o, e, de cabeça baixa, rápida como uma flecha, saiu à rua, e enfiou para cima. O sangue só lhe sossegou, quando a Rua dos Ourives ficou para trás (ASSIS, 1994, p. 131).

Estar em companhia de Rubião não só podia gerar ideias equivocadas sobre a imagem de Sofia como era uma situação que a incomodava tanto: “Sofia encolhera-se muito ao canto. Podia ser estranheza da situação, podia ser medo; mas era principalmente repugnância. Nunca esse homem lhe fez sentir tanta aversão, asco, ou outra coisa menos dura” (ASSIS, 1994, p. 122). Até as atribuições que o narrador utiliza para se referir ao herdeiro como “esse homem” o caracterizam como alguém inferior a ilustre figura que é a esposa de Palha, que depois de pilhar juntamente com o marido o incauto sócio, doravante passara a pertencer às camadas mais altas da burguesia da sociedade da época.

3.5 A MORTE DO FALIDO HERDEIRO QUE DE EX-PROFESSOR PASSOU A RICAÇÃO DE BARBACENA

Essas transformações comportamentais evidenciadas, ocasionadas pelo dinheiro, em que as personagens mudam a sua forma de se relacionar seguindo o critério econômico, possibilita uma análise baseada na lógica do “indivíduo” e da

“pessoa”, dois termos que contextualizam os altos e baixos na escala social das três personagens.

Para DaMatta, “indivíduo” é aquele que:

É apenas um indivíduo qualquer que, como um número, um caso complicado, um estorvo ou um requerimento, solicita algo. Temos aqui um alguém que é ninguém. Ele, obviamente, representa o humano e o pessoal numa situação impessoal e geral indivisa, é algo considerado altamente negativo, revelando apenas a solidão de um ser humano marginal em relação aos outros membros da comunidade. Realmente, o que mais chama atenção no caso brasileiro é essa capacidade de relacionar numa corrente comum não só pessoas, partidos e grupos, mas também tradições sociais (DAMATTA, 1986, p. 86).

Segundo essa definição de indivíduo, no início do romance quando Rubião ainda estava na condição de cuidador de seu amigo Quincas Borba, a personagem podia ser entendida como “indivíduo”, pois estava limitado há uma função pouco significativa que não era bem vista pela sociedade. No entanto, com a vinda do dinheiro e a potencialização de Rubião, ele passa a ser aclamado pelas demais personagens do romance, assumindo uma posição de “pessoa”, que para DaMatta possui outro significado. As “pessoas” são “[...] em sua diversidade como membros de uma comunidade social e politicamente diferenciada” (DAMATTA, 1986, p. 52). A personalidade é buscada na distinção e na hierarquização, para isso é necessário que determinada pessoa alcance alguma distinção que a torne reconhecida socialmente.

Quando a personagem se torna o herdeiro universal, o ricoço de Barbacena, e passa a ser admirada e notada pelos demais, a personalidade no romance é atingida por meio do capital. Como se pode perceber, Rubião era famoso, todos os conheciam: “Quando apareciam as barbas e o par de bigodes longos, uma sobrecasaca bem justa, um peito largo, bengala de unicórnio, e um andar firme e senhor, dizia-se logo que era o Rubião, — um ricoço de Minas” (ASSIS, 1994, p. 111). Essa notabilidade social coloca o herdeiro numa posição de “pessoa”, dessa forma, as demais personagens do romance tendem a tratá-lo como tal, tornando justificáveis as mudanças de tratamentos ocorridas por Cristiano e Sofia.

[...] as pessoas eletivamente se distinguem por meio de cadeias hierárquicas que indicam e revelam sua importância na reprodução da ordem social conhecida. Desse modo, se uma pessoa é presidente, governador, senador, deputado, secretário, juiz ou professor, é exatamente assim que deve aparecer nos ritos da ordem (DAMATTA, 1986, p. 57).

Rubião sabendo das possibilidades como “pessoa” e capitalista, as aplica no intuito de conseguir a esposa de Cristiano e, como é sabido, é malsucedido. Nesse momento o casal Cristiano Palha e Sofia ainda estavam inseridos na condição de “indivíduo”, pois também se apresentavam de pouca representatividade socialmente. Essa lógica hierárquica é a tônica das relações sociais e de poder durante todo o romance, pois mesmo que de forma subentendida as personagens buscam atingir a condição de “pessoa” ou a personalidade.

Logicamente, para que fosse possível que o casal Palha atingisse a condição de “pessoa” era necessário que Rubião retornasse à sua posição de “indivíduo” com a vitória do casal arrivista o herdeiro retorna para sua cidade natal. Sem importância nenhuma Rubião morre da seguinte forma:

Poucos dias depois morreu... Não morreu súdito nem vencido. Antes de principiar a agonia, que foi curta, pôs a coroa na cabeça, — uma coroa que não era, ao menos, um chapéu velho ou uma bacia, onde os espectadores palpassem a ilusão. Não, senhor; ele pegou em nada, levantou nada e cingiu nada; só ele via a insígnia imperial, pesada de ouro, rútila de brilhantes e outras pedras preciosas. O esforço que fizera para erguer meio corpo não durou muito; o corpo caiu outra vez; o rosto conservou porventura uma expressão gloriosa (ASSIS, 1994, p. 157).

O defunto, que um dia foi o ricoço de Barbacena, não recebeu um enterro digno: morreu em companhia de seu cachorro Quincas Borba em estado de completa loucura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De maneira geral, acredita-se que as relações sociais e de poder presentes nas personagens machadianas perpassam a trajetória histórica, social e literária brasileira, tendo em vista que Machado de Assis criou uma nova maneira de olhar para o social brasileiro. As personagens de *Quincas Borba* podem ser entendidas como ícones que simbolizam a divisão de classe e as falhas morais e éticas arraigadas na cultura brasileira presentes no cotidiano da sociedade do século XIX. Através das personagens de *Quincas Borba* é possível identificar os elementos sociais de uma maneira crítica e factual. Essas figuras foram criadas dentro desse contexto social de forma real, não estando em paralelo aos eventos da sociedade, mas são integrantes dela, e assumem a função de representar o ideário burguês do contexto oitocentista.

O casal Palha pode ser evidenciado como símbolo representativo do ideário burguês oitocentista, que, em linhas gerais, era capaz de tudo para obter seus objetivos econômicos e atingir o auge econômico. As características de Cristiano e Sofia são problematizadas por Machado de Assis de maneira contextual e factual quando relacionada aos conceitos sociais da época.

O adultério não materializado e a transgressão moral cometidos por Sofia, personagem que representa a manifestação carnal, a mulher desejada por todos, exibida aos grandes capitalistas como um troféu de vaidade e beleza representam a ambiguidade e a manipulação bem desenvolvidas por ela no seu jogo de sedução. Características que criam uma personagem de várias faces, fato que sugere diversas interpretações a seu respeito, ficando a critério do leitor atribuir uma definição apropriada ao caráter de Sofia que, durante a narrativa, permanece nas sombras.

Palha, por sua vez, age cautelosamente visando seu próprio triunfo. Para esta personagem, o capital assume a meta de vida. A busca pela realização financeira o torna o protótipo de um capitalista trapaceiro, arrivista que, juntamente com sua esposa, comete vários atos de maldade em busca dos benefícios individuais. A personagem representa essa classe de capitalistas presentes na trajetória histórica brasileira, como políticos e privilegiados que tiram proveito de todos nas várias situações, dando ênfase ao jeitinho brasileiro que se resume em se favorecer individualmente custe o que custar.

Rubião, capitalista ingênuo, ao tentar acessar essa camada social a qual não pertence, é extorquido e posteriormente rejeitado por todos que estavam a sua volta com um único interesse, seu capital. Apesar desses fatos que, em um primeiro momento, podem santificá-lo, ele também deve ser entendido como uma personagem que cometeu erros, tendo em vista a sua cobiça por uma mulher casada. O herdeiro sabia do capital e do poder que possuía, e pensou que dessa forma poderia comprar tudo o que quisesse, até mesmo uma mulher comprometida, pensamento que não se materializa. Sofia, Cristiano Palha e Rubião devem ser entendidos como elementos expressivos da divisão de classes, as personagens representam o caráter falho dessa sociedade arrivista, cujo ideário burguês dominava os moldes e ditava as regras.

Os espaços sociais podem ser concebidos de grande importância para o desenvolvimento das relações sociais e de poder, pois esses criam uma esfera que vai contextualizá-las e orientá-las conforme os preceitos presentes nas concepções culturais. Os exemplos simbolizados pela *casa* e a *rua* dão forma à essas relações que vão ter suas significações peculiares, variando do ambiente em que estão acontecendo, sendo assim os espaços podem ser entendidos como modeladores das relações sociais e de poder.

Machado de Assis por meio de suas personagens mostra de forma inédita aquela sociedade mascarada, que se escondia atrás de falsas aparências, colocando em evidência aspectos sociais mascarados até então por meio das relações sociais e de poder, que transparecem as falhas éticas e morais brasileiras.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado. **Quincas Borba**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. Disponível em: < machado.mec.gov.br/images/stories/pdf/romance/marm07.pdf >. Acesso em: 01 nov. 2017.

AZEVEDO, Dermi. **A igreja católica e seu papel político no Brasil**. São Paulo: Estudos Avançados, v. 18, n. 52, p. 109-120, dec. 2004. ISSN 1806-9592. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10027/11599>. Acesso em: 01 nov. 2017.

BORGES, Valdeci Rezende. **Imaginário familiar: história da família, do cotidiano e da vida privada na obra de Machado de Assis**. Uberlândia: ASPPECTUS/FUNAPE, 2007. Disponível em: <http://bit.ly/2ljw013>. Acesso em: 01 nov. 2017.

BOSI, Alfredo. **O enigma do olhar**. 1 ed. São Paulo: Ática, 2003. Disponível em: <http://docs14.minhateca.com.br/714836558,BR,0,0,BOSI,-Alfredo.-O-Enigma-do-olhar.pdf>. Acesso em: 01 nov. 2017.

_____. **História concisa da literatura brasileira**. 46. ed. São Paulo: Cultrix, 2010.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

_____. Esquema de Machado de Assis. *In*: _____. **Vários escritos**. 3. ed. rev. ampl. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

_____. O triunfo do romance. *In*: _____. **Formação da Literatura Brasileira**. 8.ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997, p. 191-218.

CORDEIRO, Marcos Rogério. **A teoria dos personagens em Machado de Assis**. Língua e Literatura, v. 28, p. 273-301, dez. 2004. ISSN 0101-4862. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/linguaeliteratura/article/view/114672/112436>. Acesso em: 01 nov. 2017.

COUTINHO, Afrânio. Realismo, Naturalismo, Parnasianismo. *In*: COUTINHO, Afrânio; COUTINHO, Eduardo de Faria. **Introdução à Literatura no Brasil**. v. 4. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983, p. 4-18.

DAMATTA, Roberto. **A casa de a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

_____. **O que faz o Brasil, brasil?**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DEL PRIORE, Mary. Um século hipócrita. *In*: _____. **Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011, p.55-103.

D'INCAO, Ângela Maria. Mulher e família burguesa. *In*: PRIORE, Mary Del (Org.); BASSANEZI, Carla (Coord. de textos); **História das mulheres no Brasil**. 10.ed. São Paulo: Contexto, 2015, p. 223-240.

FREITAS, Luiz Alberto Pinheiro de. **Freud e Machado de Assis: uma interseção entre psicanálise e literatura**. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

MEGID, Daniele. **Mulheres de jornal: personagens femininas de Quincas Borba e leitoras de A Estação**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História- ANPUH, São Paulo, jul. 2011, p.02-16. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300797894_ARQUIVO_Artigo_DanieleMegid.pdf>. Acesso em: 01 nov. 2017.

OLIVEIRA, André Henrique. **Quincas Borba como educador ou “ao vencedor as batatas”**. Revista Desenredos, Piauí, nº22, v.06 dez. 2014, p.02-.08. Disponível em: <<http://desenredos.dominiotemporario.com/doc/22-ensaio-Henrique-Machado.pdf>>. Acesso em: 01 nov. 2017.

SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2000.

SEBASTIÃO, Janaina Fernandes. **Do morro de Santa Tereza à praia de Botafogo: a ascensão social do casal Palha via exploração de Rubião**. Porto Alegre: UFRGS, 2010. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/25998>>. Acesso em: 01 nov. 2017.